

PQ

1811

P63C8

1843



Class PC 1811

Book .P23C8

1843







3564  
5489

un de

TRADUCÇÃO LIVRE

106

DAS

MELHORES FABULAS DE LA FONTAINE.

THE END OF THE

WARRIOR AND THE

TRADUÇÃO LIVRE  
das  
MELHORES FABULAS  
**DE LA FONTAINE.**

POR

*Belchior Manoel Curvo Semmeda*

*Torres de Sequeira*

*Entre os Arcades*

BELMIRO TRANSTAGANO.

---

**SEGUNDA IMPRESSÃO.**

Accrescentada com a noticia Biografica do Author.



LISBOA.

TYP. DE L. C. DA CUNHA.

Costa do Castello N.º 15.

---

1843.

PQ 1811  
C8  
P63  
1843

Sunt delicta tamen, quibus ignovisse velimus;  
Nam neque chorda sonum redit quam vult manus, et mens.

*Hor: Art. Poet. v. 345.*



387270

'29

LC Control Number



tmp96 031342

AMK 28031





## NOTICIA BIOGRAFICA

do

### AUTHOR.

**B**elchior Manoel Curvo Semmedo Torres de Sequeira, Cavalleiro na Ordem de Nossa Senhora da Conceição, e Professo na de Nosso Senhor Jesus Christo, Fidalgo da Casa Real com exercicio, Servidor da Toalha, nasceu na Villa de Monte Mór o Novo em 15 de Março de 1766; era filho de Francisco Ignacio Curvo Semmedo Torres de Sequeira, e de D. Marianna Barbara Freire de Andrade de Villa Lobos e Vasconcellos, de huma das mais distinctas Familias da referida Villa; neto de Manoel José Curvo Semmedo, Fidalgo da Casa de S. M. e de João Freire de Andrade Mestre de Campo, Alcaide Mór, e Capitão Mór na mesma Villa de Monte Mór o Novo; contando sempre huma serie não interrompida de Avós Illustres

desde o principio da Monarchia, pois descende de D. Paio Curvo, Rico Homem no Reinado de El-Rei D. Affonso Henriques, e de D. Egas Moniz, Aio do mesmo Rei. (1)

Desde os seus mais tenros annos deo provas do seu raro Talento, e Estro pouco commum, que depois o fez conhecer por hum dos mais insignes Poetas do seu tempo: Applicou-se ao estudo das Mathematicas nas Academias de Fortificação, e Marinha desta Cidade de Lisboa; onde se distinguio tanto, que alcançou os premios em todos os seus actos; sendo promovido

(1) A antiguidade e Nobreza desta Familia se pode vêr mais extensamente no Livro 2.º do Chronista Mór de Castella e Indias D. Luiz Salazar de Castro: No Nobiliario de D. Pedro, Filho de El-Rei D. Diniz, ordenado por João Baptista Lavanha, Chronista Mór deste Reino em 1640: No Theatro Genealogico de Manoel de Sousa Moreira em 1693: Na Monarchia Lusitana do Doutor Fr. Antonio Brandão, e Fr. Francisco Brandão. etc.

ao Posto de Segundo Tenente do Real Corpo dos Engenheiros, foi encarregado de levantar a Carta Corografica do Reino, e de outras Comissões importantes do serviço, que desempenhou com plena approvação. Com tão vantajosos precedentes, por certo seria hum dos Officiaes mais peritos, e de mais merecimento da sua Arma, se negocios muito importantes da sua Casa, não o obrigassem a deixar o serviço militar, pedindo a sua reforma, que obteve em Capitão.

Não só foi eminente nas Sciencias Abstractas, mas igualmente se distinguio nas Naturaes e Bellas-Artes, como testeficão as suas Composições Poeticas, das quaes imprimio dois volumes em 1803, e outro em 1817, e as annotações que fez aos seus Dityrambos, bastarião a mostrar a sua vasta lição, se grande parte destas Composições premiadas pela Academia Real das Sciencias, e outras inseridas no Parnaso Lusitano, compilação das melhores Poesias Portuguezas, não attestassem o seu tão raro engenho.

Casou duas vezes : A primeira em 1799 com D. Maria José Loduvíce de Santa Barbara e Moura, Filha de Joaquim José Ferreira de Santa Barbara e Moura, Fidalgo da Casa de S. M. e Senhor do Morgado de Santa Barbara, e de D. Anna Rosa Loduvíce; neta do Conselheiro da Fazenda Francisco de Santa Barbara e Moura, Fidalgo Cavalleiro, e de João Pedro Loduvíce, Fidalgo da Casa Real, e Escrivão da Camara de S. M. na Repartição das Justiças, e despacho da Mesa do Desembargo do Paço. A segunda em 1809 com D. Gertrudes de Portugal da Silveira, filha de D. Antonio Ignacio da Silveira, Moço Fidalgo com accrescentamento a Fidalgo Escudeiro; e neta de D. Braz Balthazar da Silveira, Capitão General de Minas Geraes, e depois Governador das Armas da Província da Beira.

Não obstante as suas occupações, e muitos desgostos domesticos, que bastante o affligirão, e que soube supportar com resignação heroica, jamais deixou de dar pasto aos talentos com que a natureza o dotou; o seu decidido gosto,

e natural inclinação ao estudo fazião, que as suas horas de descanso fossem dadas aos Livros, e á Penna; e em 1820 apparecerão as suas Fabulas, que elle com tanta modestia intitolou, Tradueção livre das de la Fontaine, sendo bem facil conhecer a quem as confrontar, que deste insigne Author Francez elle aproveitou só os assumptos, vestindo-os, e adornando-os com a graça, originalidade, e elegancia propriamente suas. Mais tarde em 1835 veio á luz o 5.º Volume das suas composições Poeticas, que hum seu amigo compilou dos seus preciosos manuscritos, temendo talvez que estes fragmentos ficassem no esquecimento; mas infelizmente o seu Author, ou fosse pela sua assidua applicação, e continuados estudos, ou por natural molestia, havia gasto, e enfraquecido as suas faculdades intellectuaes, e a este tempo ja se achava impossibilitado de rever, e corrigir este Livro; assim sahio elle do Prelo cheio de erros, de inexactidões, e sem redacção. Graves doencas o accommetterão no ultimo periodo da sua vida, a qual empregou no serviço da Patria;

e em utilidade da Litteratura , até que prehenchidos os dias que o Author da Natureza lhe havia concedido , falleceo a 28 de Dezembro de 1838 , com 72 annos , e quasi nove mezes e meio de idade.

A graça , originalidade , e elegancia de estylo , que se acha na versão , ou para melhor dizer imitação das Fabulas de la Fontaine , em que seu Author soube tão bem copiar este Genio singular da França neste genero de Poesia , junto á moralidade tão naturalmente deduzida em cada huma dellas , nos induzio a publicalas novamente , convencidos de que nisto fazemos hum serviço á mocidade , offerecendo-lhe tão boa lição para que , como diz o mesmo Author no seu Prologo , ella possa com o encanto da Fabula não conhecer o amargor da moral tão necessaria aos usos Civis , e á existencia da Sociedade.

Mostrando neste nosso empenho a nossa gratidão pela memoria do seu Author , vamos assim a dar nova publicidade a huma producção , que se não he a unica neste genero , sem du-

vida he , segundo o nosso entender , a mais perfeita que em linguagem Portugueza tem apparecido : Esperamos que o Publico acolha esta segunda impressão com a mesma benevolencia , com que tanto distinguio a primeira , quando sahio á luz.

Este dia, domingo, o tempo continuou a ser  
 bom, mas com algumas nuvens de  
 chuva. O primeiro vento foi  
 muito forte, com a chuva de  
 chuva que fez bastante a  
 chuva e a chuva.

O tempo continuou a ser bom, mas com algumas nuvens de  
 chuva. O primeiro vento foi muito forte, com a chuva de  
 chuva que fez bastante a chuva e a chuva.



## PROLOGO.

**J**oão de la Fontaine, tão conhecido no mundo literario pelas suas Fabulas moraes, foi meramente hum secundo traductor, ou imitador das Fabulas de Esopo, Phedro, Avieno, Pilpay, e outros, como declara o seu apologista Naigeon (1), com tudo de la Fontaine adornou estas Fabulas com tal graça, energia, e

(1) Il est bien démontré aujourd' hui, que la Fontaine n'a rien inventé, c'est-a-dire, pour éviter tout équivoque, et déterminer le sens précis que j'attache á ce mot, qu'aucun des sujets de ses Fables ne lui appartient. Après avoir douté long-temps de ce fait, j'en ai trouvé des preuves incontestables; e je sais que plusieurs personnes très instruites ont fait sur cet object des recherches curieuses, que les ont conduites au même resultat.

naturalidade, que póde hobrear no mérito com os authores de quem as extrahio; porque se não as inventou, inventou o modo de as escrever, e de se exprimir, como se explica hum Sabio da França. (1)

O nosso bom Portuguez Filinto traduzio as Fabulas de la Fontaine em versos brancos, endecasyllabos; mas perdoem-me os seus adoradores; ninguem que tiver intelligencia do que he boa metrificacão, e hum gosto apurado, as poderá ler com satisfação, encontrando pela maior parte, nellas huma linguagem affectada, versos duros, e dissonantes, contrarios á boa poesia; (2) alem da obscuridade do sentido,

(1) On a dit que la Fontaine n'avoit inventé; il a inventé sa maniere d'écrire, et cette invention n'est pas devenue commune.

*La Harpe Lic. Tom. 6. Cap. 11.*

(2) Il n'y a point de bonne poesie sans harmonie.

*De la Font. preface aux Fables.*

que as torna, as mais das vezes, enigmaticas.

Em nenhum idioma, segundo a opinião de la Harpe (1) se poderá bem traduzir as *Fabulas de la Fontaine*, porque este Sabio escriptor se enuncia de hum modo tão particular, que parece ter inventado hum novo modo de se exprimir; convencido desta asserção propuz-me não a traduzir, mas a imitar de la Fontaine, fazendo a respeito delle o que elle fez a respeito de Esopo, Phédro, Pilpay, Avieno, e outros, que se aproveitou dos assumptos, e os vestio, e adornou com aquelles enfeites, e graça de que a sua fecunda imaginação era susceptivel.

Com reflexão escolhi as *Fabulas*, que me parecerão melhores; empreguei, pela maior

(1) Qu' on ne peut traduire en aucune langue, parce qu' il s'en est fait une, que lui est propre.

*La Harpe. Lic. Tom. 6. Cap. 11.*

parte o verso de redondilha maior por ser o mais facil de se repetir, e decorar; usei do estylo medio, huma frase corrente, e natural, sem omittir os proloquios, e idiotismos da nossa linguagem, conveneido de que, se os Faunos trazidos dos bosques não devem, segundo o parecer de Horacio, (1) fallar huma linguagem polida, e culta, com a mesma razão as Feras que habitão as brenhas, quando se lhes finge o dom da expressão, esta deve ser simples, e natural sem os adornos da arte, por quanto a simplicidade do tom não exclue, segundo la Harpe (2) a finura, e sublimidade do pensamento.

(1) *Silvis deducti caveant, me iudice, Fauni,  
Nec velut innati triviis, ac pæné forenses,  
Aut nimium teneris juvenentur versibus unquam,*

*Art. Poet. vers. 242.*

(2) Cet esprit si simple et si naïf dans la narration, est très-juste, et souvent même très-fin dans la pensée; car la simplicité du ton n'exclue la finesse du sens. *Cours de Literat. Tom. 6. Cap. 11.*

Posso dizer que muitas vezes nem traduzi, nem paraphrasiei; apoderei-me do assumpto, alterei-o a meu modo, esclareci onde era obscuro, cortei o que julguei superfluo, e augmentei onde carecia de adorno, emendando muitas inverosimilhanças; debaixo do principio de que as propensões características dos animaes nunca se devem alterar, para não vermos os Delphins pelos bosques, e os Javalis pelas ondas como diz Horacio. (1) Os que respeitão de la Fontaine com fanatismo, talvez que me arguão de maledicente, mas devem tambem arguir o seu apologista Naigeon (2) que lhe confessa estes defeitos.

(1) Delphinum sylvis appingit, fluctibus aprum.

(2) Le style de la Fontaine manque trop souvent de noblesse, et de correction..... il y en a dont la morale est commune, d'autres où elle vague indeterminée, contradictoire, et dont on peut tirer des resultats opposés aux siens, et souvent mieux fondés, et d'autres en fin où l'on trouve des maximes fausses, &c.

*Notice sur la vie de la Fontaine.*

Recommenda o insigne Muratori a composição de fabulas moraes em verso, á maneira de Phedro, Avieno, e outros, como fez la Fontaine; porque nestas fabulas, diz elle (1) se desenvolve a philosophia dos costumes, e a pratica da vida civil, e consegue-se este fim inventando novas fabulas, ou traduzindo as dos antigos Authores. Eu annuindo a esta recommen-

(1) Può tuttavia desiderarsi... che a la guisa di l'edro liberto d'Augusto, e d'Avieno chiuda in versi alcune favolette così fatto argomento face risonare nel secolo passato, fra i Poeti Franzesi il nome del Sig. della Fontana... Ma vorrei che con opera tale si spiegasse tutta, o in parte la filosofia de' costumi, e la pratica della vita civile, in qualche maniera se mira idiata questa, che può chiamar-si philosophia d'immagine, nelle favole dell' acutissimo Esopo; ed io porto opinione che somamente utile sarebbe una fatica o s'idventassero, o si prendessero da' vecchi autori le favolette; o fossero queste apologi de bruti, d'uccelli, e daltre simile cose...

*Murator. della perf. Poes. Itali. Tom. 2. Cap. 7.*

dação, inventei alguns Apologos, que vem impressos no 1.º, e 3.º volume das minhas composições poeticas; e extrahi do primeiro volume de la Fontaine as que apresento ao Publico, dando á mocidade Portugueza hum livro, onde misturando o util com o agradavel, possa com o encantò da fabula, não conhecer o amargor salutifero da boa moral, tão precisa para a existencia politica da sociedade.

Talvez que tachem algumas destas fabulas de extensas, porém estas composições, á maneira dos outros poemas, constão de huma acção, que tem a sua marcha, o seu desenvolvimento, progressos, incidentes, duração, e exito; e em as quaes se deve ver hum espaço preenchido, hum fim, e meios para chegar a elle, como nos diz o Cidadão Naigeon. (1)

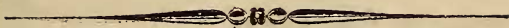
(1) Une fable, de même que la plus part des autres poemes, est une action qui a sa marche, ses développements, ses progrès, ses incidents, sa

Se hum poema , ou huma fabula he bôa , não enfastia ainda que seja longa, e se he má aborrece por mais curta que seja : se eu desempenhei a primeira , nada me importa que me julguem extenso.

durée , son dénouement , et dans la quelle on doit voir un espace parcouru , un but , et des moyens pour y arriver.

*Notic. sur la vie de la Fontaine.*





TRADUÇÃO LIVRE

das

MELHORES FABULAS

DE LA FONTAINE.



A FORMICA , E A CIGARRA.

**T**endo a Cigarra cantado  
Todo o verão sem governo ,  
Em nada tinha cuidado ,  
E era o principio do inverno  
Achava-se desprovida  
Do sustento para a vida ;

Triste futuro augurava  
Na collisão, em que estava;  
Lembrou-lhe certa vizinha  
Dona Formiga de Tal,  
Qu' hum farto celleiro tinha,  
Posto que era voz geral  
Ser mui pouco liberal:  
Foi a sua casa então,  
E estendeu-lhe este panal,  
» Vizinha do coração  
» A seus pés hoje aqui venho  
» Fazer-lhe huma petição,  
» Cahem-me as faces no chão  
» Pela vergonha que tenho:  
»-He o negocio, eu queria  
» Que me emprestasse algum grão  
» Do que Vossa Senhoria  
» Nos seus celleiros encerra,  
» Pois que esta mesquinha terra  
» Me tem sido tão fatal!  
» Quando vier Julho ardente  
» Serei muito pontual  
» Em pagar-lhe exactamente,

- » Não só o seu principal ,
- » Mas aquillo em que assentarmos
- » Nos ajustes que tratarmos.

Esteve-lhe ouvindo tudo

Mui seriamente a Formiga ,

E torna-lhe em tom sisudo ,

» Que fez no verão amiga ?

» Que fiz ? amada Senhora ,

Diz a Cigarra , » cantei.

» Era o mesmo qu' eu pensei ,

» Pois póde bailar agora :

A Formiga respondeu ,

» Fizesse como fiz eu ,

» Que trabalhei no verão

» Para no inverno ter pão.

Quem só nos divertimentos ,

Sem cuidar na subsistencia ,


Occupa os seus pensamentos ,

Quando cahir na indigencia

Conte qu' o mesmo hade ouvir

A'quelles a quem pedir.

O CORVO, E A RAPOSA.

razia hum queijo furtado  
Faminto Corvo agoureiro,  
E foi com elle no bico  
Pousar n'hum alto sobreiro.

Huma Raposa que o vio,  
Disse, » quem furta a ladrão,  
» Segundo hum velho dictado  
» Tem cem annos de perdão.  
» Se hir-lhe ao polleiro não posso;  
» Porque não pousou mais perto,  
» Valha-me o ardil da lisonja  
» Laço onde cahe tanto esperto

Depois chegando ao sobreiro  
No Corvo os olhos fitou,  
E fazendo-lhe huma venia  
Desta sorte lhe fallou.

» Guardem-te os Ceos, Ave excelsa,  
» D'Aguia Real viva imagem,



*O Corvo e a Raposa.*



« Que bello talhe que tens !  
« Que linda côr de plumagem !  
« He dor que o Ceo não quizesse  
« Fazer-te amavel em tudo ,  
« Fôras o assombro da terra  
« A teres voz , mas és mudo !

Logo ao nescio de mostrar-lhe ,  
Que tem voz , cresce o desejo ,  
E hum grasno soltar querendo  
Abre o bico , e cahe-lhe o queijo.

Eis a Raposa lho apanha ,  
Come-o , e diz-lhe « reconhece  
« Coryo estulto , que a lisonja  
« Sempre he filha do interesse.

« Vive á custa o lisongeiro  
« De quem preza adulações ,  
« Comi o teu queijo , e em paga  
« Te dou tão sabias lições.



A RÃ, E O BOI.

**N**um prado huma Rã  
Hum Boi contemplou,  
E ser maior que elle  
Vaidosa intentou.

A pelle enrugada  
Inchando alargou,  
E ás leves irmãs  
Assim perguntou.

Maior qu' o Boi  
O' Manas, já sou?  
Não és, lhe disserão,  
E a Rã lhe tornou.

E agora inda não?  
E mais inda inchou:  
Eis logo de todas  
Hum não escutou.

Inchar-se invejosa  
De novo buscou,



Mas dando hum estouro

A vida acabou.

Tambem , se em grandeza

Vencer procurou

O Pobre ao Potente ,

Por força estourou.



OS DOUS MACHOS.

**E**ncontrárão-se dois Machos  
Em hum caminho deserto,  
E os Moços tinham ficado  
Bebendo vinho alli perto.

Hum era do Estado, e vinha  
Carregado com dinheiro,  
O outro farinha levava,  
Tendo por dono hum Moleiro.

O que trazia a riqueza  
Era mais forte, e mais moço,  
Tinha albarda, atafaes novos,  
E campainha ao pescoço.

O que levava a farinha  
Hia todo n'hum frangalho,  
Rota albarda, atafaes podres,  
Nem se quer tinha hum chocalho.

O primeiro blazonando  
Da grandeza em que se via.

Ao segundo velho , e pobre  
Mofas , e injurias dizia.

Eis que d'hum bosque saltou  
De ladrões hum bando ingente ,  
E ao que levava a riqueza  
Atacão subitamente.

Elle fiado em ser forte  
Quer-lhes fugir , mas em vão ,  
Que tres facadas no peito  
Pregão com elle no chão.


Por morto os ladrões o deixão  
Roubando-lhe o ouro que tinha ,  
Ficando izento do estrago  
O que levava a farinha ;

O qual para trás voltando ,  
Vendo o amigo moribundo ,  
Clama , « por pobre escapei  
« Vejão bem o que he o mundo !

He na terra as mais das vezes  
Dita o viver ignorado ,  
Tem risco maior na queda  
O qu' está mais levantado.

---

O LOBO, E O GOZO.

 m manhã nublada, e fria,  
 Hum velho Lobo esfaimado  
 Sua sorte maldizia,  
 Que tamanho era o cuidado  
 Dos guardadores do gado;  
 Eis que mui gordo, e mui nedeo  
 Vê vir hum gozo anafado  
 Que lhe não faria tedio  
 Se o comesse, mas temia  
 Pelo estado em que se via  
 Combater, e sahir mal,  
 E a manhã por brusca, e fria  
 Ter questões não permittia;  
 Eis prudente em caso tal,  
 De projectos variando,  
 Fez-lhe grande cortezia  
 Mui submisso elogiando  
 Sua formosa figura,

Acêio , porte , e gordura ;  
A louvores taes sensivel  
Torna-lhe o gozo aprazivel :  
« Se esta vida , esta ventura  
« Gozar queres , novo amigo ,  
« Deixa o Campo , e vem co'migo ,  
« Viverás sempre em fartura ,  
« Verás sempre de comer ,  
« Tenros ossos que roer  
« De perú , frangão , perdiz.  
Eis o atalha o Lobo , e diz :  
« Saber quero , caro amigo ,  
« O qu' he preciso fazer ,  
« Para tanta dita obter ?  
« Não o sabes ? eu to digo ,  
Lhe responde o gozo honrado ,  
« Deves ter muito cuidado  
« Em guardar a toda a hora  
« A porta do teu patrão ,  
« Vedar qu'entre algum ladrão ;  
« Sempre ladrar aos de fora ,  
« E aos de casa fazer festa ;  
« Mais dizer-te ainda me resta ,

- « Que também não será máo ,
  - « Que não corras sobre os gatos ,
  - « Quando lamberes os pratos ,
  - « Que póde vir algum páo
  - « E fazer-te o catatão ;
  - « Deves também ter cuidado
  - « Em ser em casa accado ;
  - « Que se o qu'eu digo fizeres
  - « Evitarás desprazeres ,
  - « Verás o rosto á ventura
  - « Sem trabalho , e com fartura.
- O bom Lobo do que ouvia  
 De prazer pranto vertia ,  
 E impaciente d'alvorogo  
 Dizia ao gozo « Vóemos ,  
 « Por ver se chegar podemos  
 « Hoje inda ás horas do almoço ;  
 « Mas espera , amigo caro !  
 « Eu agora he que reparo !  
 « O que tens tu no pescoço ?

*Cão.*

- « Quem eu ? isto não he nada.

*Lobo.*

« Não he nada ! isso he asneira !

*Cão.*

« Quasi nada , brincadeira.

*Lobo.*

« Pois d'aqui não movo hum pé

« Sem saber isso o que he.

*Cão.*

« He o cálo da colleira.

*Lobo.*

« Que ? tu vives em prizão ?

*Cão.*

« Vivo sim , isso que tem ?

« Como , bebo , passo bem ,

« E amigos meus todos são.

*Lobo.*

« Pois regala-te por lá ,

« Que eu antes sem sujeição

« Quero pobre viver cá

« Soffrendo fome , e lazeira ,

« Do que assistir na Cidade ,

« Bem que passe á Cavalheira ,

« Tendo preza a liberdade.

Nisto dando huma carreira  
 Para o bosque mais visinho  
 Foge, e deixa o cão sozinho:  
 Que dando attenção severa  
 Ao que de ouvir acabava,  
 Conheceo bem que não era  
 Tão feliz como julgava.





O LEÃO EM SOCIEDADE COM A OVELHA,  
A CABRA, E A NOVILHA.

**A** Cabra , a Ovelha , a Novilha  
Topando hum velho Leão ,  
Pedirão-lhe a paz , fazendo  
Amigavel convenção.

Jurarão que tudo quanto  
Por qualquer fosse apprehendido ,  
Seria por todos quatro  
Irmãmente repartido.

Conveio o Leão no ajuste  
Por estar velho , e pezado , (1)  
E á custa das companheiras  
Projectou ser sustentado.

(1) Era preciso o motivo de estar velho e pezado, para poder convir no ajuste com animaes , que podia logo devorar.

Sahirão á caça , e logo  
Em triunfo as tres trouxerão  
Hum sacco cheio de pão (1)  
Qu' huns viajantes perderão.

Eis pelas unhas contando  
O Leão os animaes ,  
A preza dividio logo  
Em quatro partes iguaes ;

E diz : « Como Rei das Feras  
« Tenho o primeiro quinhão ,  
« Tambem agora o segundo  
« Me toca por ser Leão ;  
« Da-me a posse do terceiro  
« O direito do mais forte ,

(1) O original diz , que nos laços da Cabra ficou prezo hum Viado , que o Leão veio e o dividio em quatro partes , e depois ficou com todas ; porém , que interesse podia ter huma Novilha , huma Cabra , e huma Ovelha , não sendo animaes carnivoros , no quarto de hum Veado ? Por isso substituo o pão que he alimento que quasi todos os animaes comem.

« E quem se atraver ao quarto

« Conte de certo co' a morte.

As tres , qu' em jejum ficavão ,

Não se oppunhão por temor ,

Mas dizião « Não se dá

« Patifaria máiör !

Desmanchão logo o tratado ,

Conhecendo que os que tem

Contractos com poderosos

Raras vezes ficão bem,



O AMOR PROPRIO. (1)

Quero mudar a figura ,  
 ( Disse Jupiter Potente )  
 A todo o animal , qu' esteja  
 Da que lhe dei descontente.

N' hum vasto campo os ajunta ,  
 E com tranquilla paciencia  
 Do seu projecto os informa ,  
 E entra a dar-lhes audiencia.

Vem primeiro o Mono á Scena ,  
 E então Jove lhe procura ,  
 Se o seu feitio lhe agrada ,  
 Ou se quer nova figura.

Responde-lhe o Mono « Eu vivo

(1) O titulo desta Fabula em la Fontaine , he o Alforje ; creio que lhe compete melhor o titulo que lhe dou.

« Do que sou mui satisfeito ,  
 « Porque d' entre os animaes  
 « Nenhum vejo mais perfeito ;  
 « Se me desses do Urso a forma »  
 « Logo te pedia emenda ,  
 « Que não ha bruto mais fêio ,  
 « Nem figura mais horrenda.

O Urso então veio , e julgou-se  
 Pela expressão do Bogio ,  
 Que pediria mudança  
 Do seu enorme feitiço

Porém não , antes clamou :  
 « Qu' importa que falle o vulgo ,  
 « Jove , eu não peço mudança ,  
 « Que o mais perfeito me julgo.  
 « Que me trocasses a fôrma  
 « Eu te pedira incessante ,  
 « Se tão feio me fizesses ,  
 « Como fizeste o Elefante :  
 « Que tem os dentes disformes  
 « Tromba enorme , olhos pequenos ,  
 « Que o quanto avulta em orelhas  
 « Na cauda mostra de menos.

Eis o Elefante escutando  
 Seus defeitos assoalhar,  
 Julgou inveja o que ouvia,  
 E nada quiz emendar.

Diz que excede a todos elles  
 Em força, garbo, e figura,  
 E d' avultada Balêa  
 Critica immenso a grossura.

Tambem Madama Formiga  
 Faz mil criticas á Pulga, (1)  
 Chama-lhe anã, e hum Colosso  
 A' vista della se julga.

Nisto ao som de mil dicterios  
 Pago de si, chega o Burro,  
 Mas Jove grita « Silencio.  
 E acaba logo o sussurro.

Pergunta-lhe o Deos se os insta  
 De mais talento o desejo?  
 Mas tornão-lhe inda os mais tolos :

(1) O original diz Oucão, pequeno verme; substitui a pulga por ser insecto mais conhecido.

« Disso temos de sobejo !

Então de ouvir enfadado

Do amor proprio o louco excesso ,

Faz-lhes estas reflexões ,

Dando por findo o Congresso.

« Vedes com olhos de Lince

« Leves defeitos dos mais ,

« E com olhos de Toupeira

« Para os vossos sempre olhais.

« Criticais faltas alheias ,

« E as mesmas tendes em summa ,

« Em vós tudo he desculpavel ,

« Nos outros cousa nenhuma.

Disse , e foi das obras suas

Nimiamente satisfeito ,

Visto que qualquer se julga

De todos o mais perfeito.





**A ANDORINHA, E OS PASSARINHOS.**



cloz Andorinha astuta  
 Havendo o Mundo corrido,  
 Tinha nas suas viagens  
 Luzes não poucas obtido.

No vario aspecto dos Astros  
 O tardo futuro lia,  
 E as proximas tempestades  
 Aos viajantes previa.

No tempo, em que se semeia,  
 Vio Colono diligente  
 Lançar na terra lavrada  
 Do linho a fertil semente:

« Isto não me apraz, diz ella  
 A's Aves mais pequeninas,  
 « O' quanto, quanto reccio  
 « Vossas futuras ruínas!

« Nascerão daqui a pouco  
 « Destas sementes que vêdes



« Para prender-vos os laços ,

« Para matar-vos as rêdes.

« Não he por mim , he por vós

« Que temo este mal futuro ,

« Qu' em me presequindo abalo ,

« E estranhos climas procuro.

« Para evitar vossos damnos

« Correi , correi promptamente ,

« Esg'ravatai nessas leiras ,

« Comei-lhe toda a semente.

As Aves zombárão muito

Do qu' Andorinha ensinára ,

E em breve tempo cresceo

A verdejante seara.

Novamente a Prophetiza

Lhe diz « ó loucas voai ,

« E desta mesquinha planta

« Folhas , e astes arrancai ;

« Vede que a ruina vossa

« Desta colheita virá ,

« E quando queirais cohibilla

« Nenhum remedio terá.

« Prophetiza d'infortunios ,

- « Insoffrivel palradora ,  
 « Deixa-nos , dizem as aves ,  
 « Se tens medo vai-te embora.  
 Chega o tempo da colheita ,  
 E diz de novo a Andorinha :  
 « Isto não vai bem , ó loucas !  
 « O vosso mal se avisiuha !  
 Dos meus prognosticos sabios  
 « Tendes zombado infinito ,  
 « Esse fatal grão poupastes  
 « E nasceo todo o maldito !  
 « Em terminando as colheitas ,  
 « Aquelles que tratão dellas ,  
 « Estando em ocio , hão-de armar-vos  
 « Redes , laços , esparrellas ;  
 « Producção da sementeira  
 « Que poupastes preguiçosas :  
 « Tomai o partido , ó nescias ,  
 « D'esconder-vos cautelosas ;  
 « Não andeis de veiga em veiga  
 « Sempre aos pulos descuidadas ,  
 « Vivei no vosso aposento ,  
 « Nunca sereis apanhadas.

« Se fosseis sabias , devieis  
 « Fazer o mesmo qu'eu faço ,  
 « Que se estou mal neste clima ,  
 « A clima estranho me passo.

As aves quando a escutavão  
 Grande gralhada fazião ,  
 Qual a Cassandra os Troyanos  
 Quando os augurios lhe ouvião.

Mas pouco tempo tardou  
 Qu'ellas todas por seu mal ,  
 Realizado não vissem  
 O prognostico fatal !

Que humas cahindo nas redes  
 A liberdade perdião ,  
 Outras na falsa esparrella  
 Mortas aos centos cahião ;

Que o bem se crê facilmente  
 Quando annunciallo ouvimos  
 E pelo contrario os damnos  
 Só os cremos quando os vimos.

**OS DOIS RATOS, HUM DO CAMPO, E O  
OUTRO DA CIDADE. (1)**

**C**erto Rato, que na Corte  
Vivia em nobre morada,  
Foi espaiarecer ao campo  
Huma vez de madrugada.

Eis encontrou no caminho  
Pobre Rato camponez,  
Qu' apenas o viu, parando,  
Submissa venia lhe fez.

« Guarde-te o Cco, bom camponio  
(Disse o da Corte ao vilão)

« Certamente nestes campos

« Tens a tua habitação.

« Sim, Senhor, elle lhe torna,

(1) Nesta fabula segui mais o nosso Sá de Miranda do que de la Fontaine.

« E se vossa Senhoria  
 « Quizesse honralla , entrar nella ,  
 « Grande gosto me daria !

« Entrarei por descansar ,  
 Respondeo-lhe o Cortezão ,  
 « E's bom moço , contar pódes  
 « Com a minha protecção.

Partem ambos , e se mettem  
 Por huma buraca estreita ,  
 Pouco atraz hindo o camponio  
 Dando ao Fidalgo a direita.

A' porta chegão da toca ,  
 Entra o da Corte primeiro ;  
 Não sabe o vilão que faça  
 A tão nobre Cavalheiro.

E diz-lhe : « Cumpre , Senhor ,  
 « Qu' hoje vossa Senhoria  
 « Me desculpe não poder  
 « Tratallo como devia ;

« Vou fóra cuidar de arranjos.  
 O outro diz « pois vai amigo ,  
 « Mas olha bem qu' eu não quero  
 « Cá ceremonias co' migo.

O vilão sahe, trepa ás moitas  
E hum bom saque dando aos ninhos,  
Traz ao seu lar frescos ovos,  
Traz impulmes passarinhos;

Entra e sahe, volta, e lhe arranja;  
A meza onde era a salinha,  
Põe-lhe a caça que trouxera,  
E tudo o melhor que tinha.

Em pé não longe do rico  
Com a maior submissão,  
Assim lhe falla, de pêjo  
Pregando os olhos no chão:

« Supprão, Senhor, os desejos  
« Ao que nesta meza falta,  
« Que bem sei que tudo he pouco  
« Para pessoa tão alta!

« Bom camponio, apraz-me tudo,  
« O Fidalgo então lhe diz,  
« E's bom moço, tens virtudes,  
« Quero fazer-te feliz.

« Irás comigo á Cidade  
« Gozar da minha grandeza,  
« Conhecerás o que he bom,

« Dois trincos dando á pobreza.

De gosto o vilão saltando  
Ficou quando tal ouvio ,  
Prostrou-se a beijar-lhe os pés ;  
Mas elle não consentio.

Assim que o jantar findou  
O passeio começarão ,  
E quando foi noute escura  
A' Corte se encaminhárão.

Chegando a Palacio excelso ,  
Disse o Cortezão inchado :

« Ao meu Solar magestoso  
« Temos amigo chegado.

Do jardim por huma fresta  
Entrárão como convinha ,  
Descêrão , subirão muito  
Até entrar na cozinha.

Do rico espolio da cêa  
Entrárão na possessão :  
Do que vio ficou parvinho  
De boca aberta o vilão !

Foi á meza da cozinha ,  
E as mãos sobre a loiça pondo ,

Deitou dois pratos a terra  
 Fazendo hum immenso estrondo ;  
 Acudio á bulha hum moço ;  
 Trouxe luz , vio a parelha ,  
 Entrou com elles de volta  
 Batendo arrochada velha.

Sabia os cantos á casa  
 O Cortezão , e moícou ;  
 Mas o camponio mettido  
 Na contradança ficou.

Pregava pulo de Corça ,  
 E o páo no lombo a malhar :  
 Até que a loiça cahio ,  
 E teve léo d'escapar.

Com muito susto , e fadiga  
 Por onde veio tornou ,  
 E quando em casa se vio ,  
 Beijando a terra , exclamou :

« Mais não me lia de seduzir  
 « Da vã grandeza o esplendor ,  
 « Qu' he muito funesto o prazer  
 « Quando o perturba o temor !  
 D' inquietações combatida



He hum flagello a grandeza,  
 No seio da paz sem sustos  
 He mais ditosa a pobreza.



O LOBO, E O CORDEIRO.

**N**um rio matava a sede  
Tenro anafado Cordeiro,  
E mais acima igualmente  
Bebia hum Lobo matreiro.

Podia a fêra faminta  
Logo saltar, e ir-lhe ao pello;  
Mas sem pretexto não quiz  
Agadanhallo, e comello.

Bradou-lhe « O' lá sò tratante,  
« Espere qu' eu já lá vou!  
« Turba-me as agoas que bebo,  
« Sem attender a quem sou?

Diz-lhe elle « Bem vê senhor,  
« Qu' está da parte eminente,  
« E que de lá vindo as agoas,  
« Turbar não posso a corrente.

« Turbaste-a sim, diz o Lobo;  
« Além disso o anno passado



*O Lobo e o Cordeiro*



« Tanto mal de mim disseste ,  
 « Qu' hia ficando infamado !  
 « Veja , torna-lhe o Cordeiro ,  
 « Senhor , qu' está illudido ,  
 « Por qu' eu este anno passado  
 « Inda não era nascido.

Raivoso , d'olhos em braza  
 Responde o Lobo glotão :  
 « Pois se acaso tu não foste ,  
 « Foi teu malédico irmão.

O titubante Cordeiro ,  
 Que já em tremuras vive ,  
 Lhe diz « Senhor he engano ,  
 « Por qu' eu irmãos nunca tive.

« Se elle não foi , foi teu Pai ,  
 « Agora estás convencido :  
 Disse o Lobo , e n'hum momento  
 Foi o Cordeiro engolido !

Que para dourar seus crimes ,  
 Sempre o sagaz prepotente  
 Quer ter por base a razão ,  
 Inda que seja apparente.

OS LADRÕES, E O BURRO.

**D**ois malfeitores Ladrões  
Ruço Jumento furtarão,  
E para deserto bosque  
Cautelosos o levarão.

Disse hum delles « Vou agora  
« D'escuro pintar-lhe o pello,  
« E na feira de amanhã,  
« Sem susto posso vendello.

« Não quero o Burro vendido,  
O outro ladrão replicou,  
« Preciso delle na estrada  
« Quando venho, ou quando vou.

« Ha de vender-se amanhã,  
Disse este, pregando hum grito.  
« Não ha de, com mil Diabos!  
O outro bradou, tenho dito.

Foi huma atroz bofetada  
Consequencia da questão,

Depois dois pulos atraz,  
E aguda choupa na mão.

« Maroto, hum delles dizia,  
« Hei de a facadas cozello:  
O outro gritava « Patife,  
« Vou em cavacos fazello.

Em quanto os dois se entretinhão  
No atroz combate cruento,  
Veio hum terceiro ladrão,  
Que lhes levou o Jumento.

Assim alguns Reis propugnão  
Por terras que tem tomado,  
E outro vem, dellas se apossa,  
E os deixa em peor estado.



**SIMO'NIDES POETA PROTEGIDO PELOS  
DEUSES.**

**A** Simónides, que fora  
Facundo Argivo Poeta,  
Procurou hum dia em casa  
Hum novo enfunado Athleta.

Havia em dubio certamen  
Vencido o seu contendor,  
E em aureos versos queria  
Ver cantado o vencedor,

Ajustou dar hum talento  
De premio ao sublime Vate,  
Pedindo que erguesse ás nuvens  
Aquelle egregio combate.

O Sabio empenhou no encomio  
Toda a força da eloquencia,  
Hypotyposis mostravão  
Ao vivo a nobre pendencia.

Mais que dizer não havia;



Porque o destro aventureiro  
Era de familia obscura,  
E este o certamen primeiro.

Com as flores da eloquencia  
Ornou o grato elogio,  
Similis, e parallellos  
Servirão d'aureo atavio.

Aos Gemeos Castor, e Pollux  
O seu Heroe comparava,  
E as nobres acções daquelles  
Amplamente numerava:

De sorte qu' huns bons dâis terços  
Do poema, que tecia,  
Em digressões agradaveis  
Aos dois Gemeos pertencia.

Findo, e copiado o encomio,  
A casa o levou do Athleta,  
Que depois de o lèr tres vezes  
Disse ao facundo Poeta:

« Meu louvor neste Poema  
« Só occupa a terça parte;  
« Por tanto, do que ajustámos  
« Só devo o terço pagar-te.

« Os dois Gêmeos , a quem tanto  
 « Teus nobres versos exaltão ,  
 « Que te paguem do talento  
 « Os dois terços , que te faltão.  
 « Em tanto para mostrar-te ,  
 « Que não fico mal contigo ,  
 « Quero esta noute que venhas  
 « Sem falta cear comigo.

O convite lhe acceitou  
 D' Apolo o filho sisudo ,  
 Julgando qu' era melhor  
 Perder pouco do que tudo.

Parentes , muitos amigos  
 Dos que usão comer de moça  
 A lauta meza cercavão ;  
 Tudo era festa , e galhofa.

Saude a huns , e a outros ,  
 Saude ao novo Athleta ,  
 E só lá de quando em quando  
 Levava alguma o Poeta.

Sentio-se em tanta algazarra  
 Que muito á porta batião ,  
 Abrindo-a virão dois Jovens ,

Que ao vate fallar querião.

Elle erguendo-se da meza  
Antes da cêa dar fim,

Vio á porta dois Mancebos,  
Que lhe disserão assim :

« Nós de Leda os filhos somos

« Astros no globo Celeste,

« Que hoje agradecer-te vimos

« Os incensos que nos deste.

« Tambem salvar-te queremos

« D' hum eminente perigo ;

« Foge , que vai neste predio

« Cahir dos Ceos o castigo.

Sahio promptamente o Sabio ;

E a companhia indiscreta

Com saudes applaudia

Quanto ao Vate fez o Athleta.

Eis d'improviso estalando

As columnas do Edificio ,

Soffrêrão todos o estrago

D'hum funesto precipicio.

Ao foso Athleta huma trave

As pernas ambas partio ,

E a parasita assembleia

Igual desastre sentio.

Então conhecendo os povos

Pelo prodigio evidente,

Qu' era dos Ceos protegido,

O Sabio, tão altamente;

Com mil dadivas, e offrendas

Não sómente lhe preencherão,

Quanto o Athleta deo de menos,

Mas até rico o fizerão:

Porque se os Numes castigão

Quem zomba do seu poder,

Tambem premiar costumão

Quem lho sabe merecer.

Dos Ceos a Poesia he prole;

Ella aos Ceos tece o louvor;

Aquelle, que a menoscaba,

Offende o seu Creador.



**O HOMEM ANCIÃO, E AS SUAS PER-  
TENDENTES DE DIVERSAS IDA-  
DES.**

**M**um homem de meia idade ,  
Já de grisalho cabello ,  
Tendo liberto o alvedrão  
Quiz desposar-se , e perdello.

Era rico , esbelto , e nobre ,  
Tinha garbo , e discripção ,  
E havia mil aspirantes  
A' posse da sua mão.

Duas viúvas tiverão  
De lhe agradecer a ventura ,  
Huma na flor dos seus annos ,  
Outra na idade madura.

Sempre com futeis pretextos ,  
Quando com elle brincavão ,  
A hum , e hum , ellas ambas ,

O cabello lhe arrancavão.

Tirava-lhe a qu' era idosa  
 Dos inda escuros o resto ;  
 A Moça todos os brancos ,  
 Buscando sempre hum aresto.

Porque pertendião ambas  
 Para igualdade em amor ;  
 Qu' elle tivesse o cabello  
 Igual ao dellas na cor.

De sorte qu' em breve tempo  
 Se vio o amante coitado ,  
 Por este capricho louco ,  
 Inteiramente pellado.

No caso então reflectindo :

« Bellas Ninfas, exclamou ,  
 « Por esta lição , que tive ,  
 « Immensas graças vos dou.

« Se hum de vós desposasse ,  
 « Sei que de viver eu tinha  
 « A' vossa vontade sempre ,  
 « E nunca á vontade minha.

« D'ambas fujo , ambas detesto ;  
 « Vossos genios conheci ;

« Bem que sem pello ficasse ;  
« Ganhei mais do que perdi.



OS MOSCARDOS, E AS ABELHAS.

**E**o campo estando sem dono  
Favos de mel excellente,  
As Abelhas os reclamão,  
E os Moscardos igualmente:

Depois de mil argumentos,  
Qu' hião findando em pancada,  
Perante o Bespão vai ser  
A lide sentenciada.

Nomeião os litigantes  
Letrado, e Procurador,  
Dando-lhe os poderes todos  
De allegar em seu favor.

Qualquer das partes contrarias  
Tres testemunhas produz,  
Porem de quanto ellas dizem  
Nada, ou pouco se deduz.

Fica o Juiz indeciso  
Sem proferir a sentença;



Passão seis mezes e a todos  
Zanga tamanha detença.

Das Abelhas o Letrado,  
Pessoa de sã consciencia,  
Disse « O mel vai a perder-se,  
« E he preciso providencia.

E posto que muitas vezes  
Passasse por abelhudo,  
Huma petição que arranja,  
Faz logo decidir tudo.

Para qu' huns e outros se ajuntem  
Requer que se notifiquem,  
E do Juiz na presença  
Favos de mel se fabriquem.

Defere logo o Juiz  
Ao justo requerimento,  
E são huns, e outros citados  
Para dar-lhe cumprimento.

Para embargos pedem vista  
Os Moscardos arengando;  
O Juiz lhes indefere  
Seus máos intentos notando.

Que descobre no que allegão


Que tem do exame receio ,  
E fazer mel não sabendo ,  
Querião furtar o alheio.

Por tanto a pró das Abelhas  
Sentença dá sem soçobro ,  
E são os Réos condemnados  
A pagar custas em dobro.

Se a razão fizesse a Lei ,  
A trapaça acabaria ,  
E ao capricho dos que julgão  
Nunca a Lei se torceria.



O GALLO, E A PEROLA.

 hum monturo esg' ravatando

Formoso Gallo aguerrido ,

Acha huma Perola fina ,

Qu' havia hum Nobre perdido.

Por tres vezes a escoucinha  
Sem nella querer pegar ,  
A' quarta erguendo-a no bico ,  
Se põe a cacarejar.

Vem logo algumas Gallinhas  
Cuidando qu' era algum grão ;  
Mas vendo a perola , tristes  
Vão-se , deixando-a no chão.

Acaso passa hum Ourives ,  
E apanhando-a , alegre diz ;

« He huma perola fina !

« Que bello achado que fiz !

« Homem , lhe pergunta o Gallo ,  
« Tanto essa joia merece ?

« Pois eu por hum grão de milho  
« Te dera mil, se as tivesse.

Perola em poder de Gallo,  
Que lhe não sabe o valor,  
He como entre as mãos d'hum nescio  
As Obras de hum sabio Author.



O SOBREIRO, E A CANA.

**H**um corpulento Sobreiro,  
Qu' ás nuvens a fronte alçava,  
Disse huma vez a huma cana  
Que defronte lhe ficava:

« Quanto foi contigo escassa

« A profusa natureza!

« Oca te fez, fez-te esgula,

« Negou-te graça, e firmeza.

« D'hum lisongeiro favonio

« A hafagem mais pequena,

« Na sesta, ou na madrugada,

« Te abala, e te desordena.

« Eu firme zombo da furia

« Dos procellosos tufões;

« O que para mim são auras,

« São para ti Aquilões.

« Quando o Noto sibilante

« Faz ao mundo crua guerra,

- « Eu mal balanceio a coma ,  
 « Tu andas varrendo a terra.  
 « Se perto de mim nascesses  
 « Tão infausta não serias ,  
 « Abrigo em meu tronco excelso  
 « Contra as borrasças terias,  
 « Quanto de ti me condôo  
 « Mal sabes , pequeno arbusto ;  
 « Logo que sinto algum vento ,  
 « Por teu respeito me assusto.  
 « Arvore excelsa , lhe torna  
 A debil cana tambem ,  
 « He do teu bom natural ,  
 « Qu' essa piedado provem.  
 « Se branda por natureza  
 « Não opponho ao vento força ,  
 « Cêdo prompta , e não me offende ,  
 « Que me encurve , ou que me torça.  
 « Desprezada por humilde  
 « Não desafio a ambição  
 « De me partirem , queimarem ,  
 « Reduzindo-me a carvão.  
 « Porém tu Arvore excelsa ,

« Destes males não te izentas ;  
 « Em carvão podem tornar-te ,  
 « Podes ceder ás tormentas.

Palavras não erão ditas ,  
 Hum pavaroso tufão ,  
 Com impeto desusado ,  
 Prostra o Sobreiro no chão.

Os ramos despadaçados ,  
 Tendo as raizes á mostra ,  
 Do soberbo indica a imagem  
 Quando o orgulho o Ceo lhe prostra.

Domavel a humilde cana  
 Do estrago o horror não sentia ;  
 Que se hia ao chão n'hum momento ,  
 No outro momento se erguia.

Assim potente orgulhoso  
 He muito mais arriscado  
 Nas politicas procellas ,  
 Do que o pobre desprezado.



## O CONSELHO DOS RATOS.

**M**avia hum Gato Maltez ,  
 Houa, e flor dos outros Gatos ;  
 Rodilardo era o seu nome ,  
 Sua alcunha Esgana Ratos.

As Ratazanas mais feras  
 Apenas o pèrcebião ,  
 Mesmo lá dentro das tocas  
 Com susto dellê tremião ;

Que amortalhava nas unhas  
 Inda o Rato mais machucho ,  
 Tendo para o sepultar  
 Hum cemiterio no buxo.

Passava entre aquelles pobres ,  
 De quem hia dando cabo ,  
 Não por hum Gato Maltez ,  
 Sim por hum vivo Diabo.

Mas Janeiro ao nosso Heroe  
 Já dor de dentes causava ,



E elle de telhas acima  
O remedio lhe buscava.

Dona Gata Tartaruga,  
De amor versada nas lides,  
Era só por quem na roca  
Fiava este novo Alcides.

Em tanto o Deão dos Ratos,  
Achando léo ajuntou  
N'hum canto do estrago o resto,  
E ancioso assim lhe fallou:

« Em quanto o permite a noite  
« Cumpre, Irmãos meus, que vejamos  
« Se á nossa commum desgraça  
« Algum remedio encontramos.

« Rodilardo he hum verdugo  
« Em urdir nossa desgraça,  
« Se não se lhe obstar veremos  
« Finda em breve a nossa raça.

« Creio que evitar-se póde  
« Este fatal prejuizo;  
« Mas cumpre que do agressor  
« Se prenda ao pescoço hum guizo.

« Bem que ande com pés de lã,

« Quando o cascavel tenir ,  
 « Lá onde quer que estivermos  
 « Teremos léo de fugir.

Foi geralmente approvedo  
 Voto de tanta prudencia ;  
 Mas era a duvida achar  
 Quem fizesse a diligencia.

« Vamos saber qual de vós ,  
 Disse outra vez o Deão ,  
 « Se atreve a dar ao proposto  
 « A devida execução.

« Eu não vou lá , disse aquelle ;  
 « Menos eu , outro dizia ;  
 « Nem que me cubrissem de ouro ,  
 Respondeo outro , eu lá hia.


Pois então quem ha de ser ?  
 Disse o severo Deão ;  
 Mas todos á boca cheia  
 Disserão : eu não , eu não.

Tornou-se em nada o Congresso ;  
 Que o aperto ás vezes he tal ,  
 Que o remedio que se encontra  
 Inda he peor do que o mal.

Assim mil cousas se assentão  
 N'huma Assembleia, ou Conselho;  
 Mas vê-se na execução,  
 Que tem dente de Coelho.



**O LOBO PLEITEANDO CONTRA O RA-  
POSO, PERANTE O MACACO.**

 ueixou-se hum vez hum Lobo  
De que se via roubado,  
E hum máo vizinho Raposo  
Foi deste roubo accusado.

Perante o Mono foi logo  
O Réo pelo Author levado,  
E alli se expoz a querella  
Sem Escrivão, nem Letrado.

« A' porta da minha furna,  
Dizia o Lobo enraivado,  
« Pégadas deste gatuno

« Tenho na terra observado;

Dizia o Réo em defeza:

« Tu qu' és ladrão refinado!

« O que? se vives de roubos,

« Podia eu ter-te furtado?

« Furtaste, mentes; não minto,

Questões, gritos muito enfado,  
Já do severo Juiz  
Tinhão a testa azoad.

Nunca Themis vio hum pleito  
Tão dubio, tão intrincado!  
Nem que pelos litigantes  
Fosse tão bem manejado.

Mas da malicia dos dois  
Instruido o Magistrado,  
Lhes disse « á tempo qu' estou

« De quem vós sois informado:

« Por tanto, em custas em dobro

« Seja hum, e outro multado,

« E tanto o Reo, como o Author

« Por tres annos degradado.

Dando por páos, e por pedras  
O Mono tinha assentado,  
Que sempre acerta o Juiz  
Quando condemna hum malvado.



OS DOIS TOUROS, E A RÂ.

**B**rigavão dois grandes Touros  
D'huma formosa manada  
Sobre qual teria a posse  
D'huma Novilha estrellada.

Huma Râ vendo o combate  
N'hum tom lhes disse modesto :  
« Fidalgos ; deixem questões ,  
« Qu' hum fim sempre tem funesto :  
« Não considerão , Senhores ,  
« Que o termo destas pendencias  
« Vem sempre a ser o desterro  
« De hum de vossas Excellencias ?  
« Porque conforme o costume ;  
« O que vencido ficar ,  
« Estas campinas viçosas  
« Ha de por força deixar ;  
« Que o vencedor logo o expulsa  
« Destes campos deleitosos ,


« E terá qu' ir pascer limos  
 « Em terrenos pantanosos ;  
 « Alli fará que sejamos ,  
 « Quando com seus pés nos mate ;  
 « As victimas innocentes  
 « Deste indiscreto combate :  
 « Porque nos paúes mettido ,  
 « Com suas feras patadas  
 « Dos charcos no fundo , he obvio ,  
 « Que fiquemos esmagadas.

Tudo quanto a Rã predisse  
 Se entrou a verificar ;  
 Fugio do campo o vencido ,  
 E foi paúes habitar.

Alli o Povo coachante  
 Negros desastres soffreo ,  
 Que esmagado a toda a hora  
 A maior parte morreo !

Assim nas mutuas desordens  
 Dos Grandes , dos Potentados  
 Quasi sempre os mais pequenos  
 Vem a ser os esmagados.

**O MORCEGO, E AS DUAS DO'NINHAS.**

 Antrou, por tonto, hum Morcego  
Na toca de huma Dóninha,  
Qu' immensa aversão aos Ratos  
Havia tempo que tinha.

Saltou-lhe ella em cima logo,  
Dizendo « O' cão, morrerás,  
« Vens-me nas unhas calir  
« Sabendo o horror, que me dás?  
« Rato acaso tu não és?

« Dize, cara de fuinha?  
« He tão certo seres Rato,  
« Como he certo eu ser Doninha.

« Perdoai, respondeo-lhe elle,  
« Só diz isso algum perverso,  
« Eu sou Ave, não sou Rato,  
« Graças ao Pai do Universo!

« Vede, nas azas, que tenho,  
« Das Aves o distinctivo,



« Viva quem vive nos áres  
« Qu' eu tambem nos áres vivo.

Ella crendo não ter elle  
Nem com Ratos parentesco,  
Concedeo-lhe a liberdade,  
E o tratante pôz-se ao fresco.

Entrou, passados tres dias,  
Outra vez o tontarrão,  
Na toca de outra Dóninha,  
Que ás Aves tinha aversão.

Ei-lo novamente em risco,  
Que a dona da casinhola  
Crendo ser Ave, intentou  
Dar-lhe no buxo gaiola.

« Tu és Ave, ella lhe disse:  
« E as aves fazem-me affronta,  
« Senhora: lhe tornou elle  
« Não me tenhais nessa conta.

« Nas Aves as pennas são  
« Sua essencia, e seu ornato;  
« Eu tenho pello, e não pennas,  
« Logo ave não sou, sou Rato.

« Vivão os Ratos, e eu viva!

Disse : e a Dóninha inexperta  
Deixou-o safar das unhas ,  
Ficando de boca aberta.

Assim salvou o tratante  
A vida por duas vezes ;  
E assim tambem se tem salvo ,  
Por gírios , muitos freguezes.

Se este partido governa ,  
Fazem-se deste partido ;  
Se este decahe , e vem outro ,  
O outro he logo preferido.

Ninguem confie em tal corja  
Voluvel , traidora , e fraca ,  
Qu' andando c'os tempos vira  
A cada instante a casaca.







O Lenhador

O LENHADOR.

**H**um misero Lenhador,  
Que oitenta invernos contava,  
C' hum feixe de Lenha ás costas  
A passos lentos andava.

Pela idade enfraquecido,  
Alem do sustento escasso,  
Troveçou, cahio-lhe o feixe,  
Fazendo hum golpe n'hum braço.

Depois com pranto nos olhos  
Alguns alentos cobrou,  
E reflectindo em seus males,  
Sentado, assim declamou:

« Mais do qu'eu sou infeliz  
« Não ha no globo hum vivente,  
« Trabalho mais do que posso,  
« E vivo assás indigente;  
« Pouco pão, nenhum descanso  
« Huma existencia opprimida,

« Ah ! que não vejo quem tenha

« Tão dura , e penosa vida !

« Filhos máos , Mulher teimosa ,

« Más pagas , duro Credor ,

« Renda de Casas , impostos ,

« Não ha desgraça maior !

« Vem , ó morte , ó morte amavel !

« Soccorre a quem te appetece !

Eis o esqueleto da Morte

De repente lhe apparece ;

E diz « Mortal que me queres ?

Torna-lhe elle de mãos postas :

« Quero , amiga , que me ajudes

« A pôr este feixe , ás costas.

Na dôr deseja-se a morte ;


Mas quando vem faz tremer ;

Qu'he dos viventes o instinto

Antes penar que morrer.



A AVE FERIDA DE HUMA FLECHA.

 oi de huma flecha implumada  
Huma das Aves ferida ,  
E assim ao seu matador  
Fallou no extremo da vida :

« Contribuir deveremos  
« Para a nossa ímpia desgraça ,  
« Dando pennas , que aligeirem  
« A setta que nos traspassa ?  
« Das nossas azas ás plumas  
« Arrancais , pro genie atroz ,  
« Que depois prezas em ferros  
« Voar fazeis contra nós.  
« Mas , ó próle de Japhet ,  
« Da nossa cruel desgraça  
« Não zombeis , não fazeis mofa ,  
« Que o mesmo entre vós se passa.

« Mil vezes vos acontece  
 « A mesma infelicidade,  
 « Metade da gente as armas  
 « Dá contra a outra metade.





A PODENGA E A COMPANHEIRA.

**E**uma Podenga pejada ,  
Que á tempo andavã fugida ,  
Pedio emprestado o alvergue  
D'outra sua conhecida.

Ella por bom coração  
A morada lhe cedeu ,  
Chegando a ficar na rua  
Com muito incommodo seu.

Deo á luz quatro cachorros ,  
Com bom successo , a hospedada ,  
E foi logo no outro dia  
Pela amiga visitada.

A' mostra os Nénés vierão ,  
Do bom parto a mãi fallou ,  
E cousa alguma a respeito  
Da sahida se tratou.

Passado algum tempo veio  
Da casa a dona outra vez ,

E expoz-lhe o seu desarranjo  
Com a maior polidez.

A intrusa lhe diz : « Senhora ,  
« Como hei de a casa deixar ,  
« Se estes pobres innocentes  
« Inda não podem andar !

« Perdoe-me , tenha paciencia ,  
« Dê-me algum tempo de espera ;  
« Pois sim , não se afflija , a outra  
Lhe tornou muito sincera.

Despedio-se , foi-se embora ,  
Voltando passado hum mez ;  
E que lhe cedesse a casa  
Lhe pediu segunda vez ;

A intrusa os dentes mostrando ,  
E a matilha prole sua ,  
Chegando á porta lhe disse  
« Se pódes põe-nos na rua. »

Da casa a dona ficando  
Do qu' escutava aturdida ,  
Poz-se ao fresco antes que fosse  
Alem d'expulsa , mordida.


Abusa sempre o perverso

Do nosso bom coração ,  
 Não larga o que lhe emprestamos  
 Sem huma horrivel questão,

O bem que se faz aos máos  
 Quasi sempre se deplora ,  
 Mette a gente em casa ás vezes  
 Quem a expulsa della fóra.



A AGUIA, E O ESCARAVELHO.

 e veloz Aguia fugindo  
 Novo pequeno Coelho,  
 Encontra na fuga a toca  
 D'hum graúdo Escaravelho. (1).

Posto que tenue este abrigo  
 Buscando salvar a pelle,  
 Julgar-se pôde se o triste  
 Faria por entrar nelle.  
 Commovido o Escaravelho

(1) Pouco verosimil he, que hum coelho possa entrar na toca de hum escaravelho; he por isso que eu figuro o coelho pequeno, e o escaravelho graúdo, que podia ser daquelles a quem os Naturalistas chamão *escarabeus-elephas*, que tem duas pollegadas e meia de grossura, e tres de comprimento, e se encontrão em Moka, em Surinam, e na Guiana na America meridional.

Do mal daquelle infeliz,  
A' feroz Aguia intercede,  
E cortezmente lhe diz:

« Ave Real, neste pobre  
« Meu compadre, e meu vizinho  
« Tuas garras não empregues,  
« Tem dó delle coitadinho!

« Sei que para tí não obsta  
« O asilo da minha casa;  
Ella nisto hum safanão  
Lhe dá com o coto d'aza.

A victima infausta empolga  
Do abrigo tendo zombado,  
Deixando o bom protector  
De frio susto embaçado;

No qual esta horrivel scena  
Faz tão rápida mudança,  
Que toda a sua piedade  
Se torna logo em vingança.

Vai ao tronco onde o seu ninho  
Tinha a cruel Aguia feito,  
Quebra-lhe os ovos, e vem  
Inda pouco satisfeito:

Ella vendo o fero estrago  
Da sua prole querida ,  
Com gritos atrôa os ares ,  
Tenta contra a propria vida.

Tomar severa vingança  
Em vão do insulto pertende ,  
Que a pequenez do agressor  
Da sua raiva o defende.

No anno seguinte mais alto  
Vem seu ninho edificar ,  
Mas lá mesmo o vingativo  
Lhe vai os ovos quebrar.

Assim do Coelho a morte  
Segunda vez he vingada ,  
E a sua atroz matadora  
Sente afflicção duplicada.

Seis mezes com vãos grasnidos  
Atrôa montes , e valles :  
Faz este enojo segundo ,  
Que se exacerbem seus malles ;

Protecção pedindo a Jove  
Seu Templo excelso procura ,  
E do Numen no regaço

Guarda a terceira postura.

Naquelle asilo sagrado  
Põe toda a sua esperança,  
Que tem no abrigo do Nume  
Do seu ninho a segurança.

Mas de tom muda o contrario  
Que os passos todos lhe espreita,  
Põe-se d'alto, e immunda escoria  
Sobre o manto ao Numen deita;

O Sacerdote do Templo  
Indo-lho logo limpar,  
O ovos do occulto ninho  
Deixa cahir, e quebrar;

Quando a feróz Aguia observa  
Aquella nova desgraça,  
Faz desatinos de louca,  
E ao mesmo Jove ameaça.

Qu' ha de abandonar-lhe a Corte,  
E ir viver para os desertos,  
Diz ao Monarcha dos Numes  
Com outros mil desacertos.

Jove em honra á sua Estatua  
Manda, por Ordem Real,

Comparecer o agressor  
Perante o seu Tribunal.

Elle vem , expõe-lhe o facto ,  
Conta a sorte do Coelho ,  
D'Aguia o Deos reprehende a insania ,  
E a teima do Escaravelho.

E fazendo esforços vãos  
Sem que os possa acordes vêr ,  
Assim decreta , do Fado  
Tendo ouvido o parecer :

« De amor , ó Aguia , sómente  
« Sentirás o impulso terno ,  
« Quando o Escaravelho obtuso  
« Esteja em quarteis d'inverno.

Assim foi , e assim se cumpre ,  
Deixando ver ao mortal ,  
Que ás vezes do mais pequeno  
Póde vir o maior mal.





O LEÃO, E O MOSQUITO.

Disse hum Leão por desprezo

A certo Mosquito ardente

« Vai-te, escoria vil da terra,

« Vai-te, nónada vivente.

Jura-lhe guerra o Mosquito

Do que ouvira hum tanto azedo,

E diz-lhe : « Acaso tu pensas,

« Qu'eu de Leões tenho medo !

« Por qu'és das feras Monarcha

« Nada me dás que temer,

« Maior do que és he hum Touro

« E eu faço-o terra comer.

Disse o trombeteiro heróe ;

E tomando hum ár agreste,

A trombeta horrenda toca,

E ao fero inimigo investe ;

Entre as jubas no pescosso

Lhe ferra o duro ferrão,

Como louco salta , e escuma  
Ruge , e morde-se o Leão.

Amedronta as outras feras  
O seu furor inaudito ,  
Atrôa os Ceos , sendo tudo  
Obra de hum tenue mosquito.

O aborto d'hum vil mosca  
Por mil portes o molesta ,  
Punge-lhe o peito , o focinho ,  
Os olhos , o lombo , a testa ;

Este invisivel contrario  
Triumpho do seu furor ,  
Garras , dentes , raiva , tudo  
Lhe inutiliza o traidor ;

Com a cauda açoita as ancas ,  
Sacode a increspada Juba ,  
Até que a extrema fadiga  
Vencido em terra o derruba.

Do combate se retira  
O insecto cheio de gloria ,  
E he a trombeta do ataque  
A que apregôa a victoria.

Porém quando mais vaidoso

Seu valor, e esforço gaba,  
Topa huma teia de aranha,  
Que a vida, e gloria lhe acaba.

Não desprezes por pequeno  
O teu contrario tambem;  
Porque delle as mais das vezes  
O maior mal te provem.

Nem tão pouco em bens confies  
Desta vida transitoria;  
Qu'huma só teia de aranha  
Murchar póde a tua gloria.



OS DOUS BURROS CARREGADOS.

Qual Romano Imperador  
 Hum páo por Sceptro levava ,  
 E a dois Frizões orelhudos  
 Hum Burriqueiro guiava ;  
     Hum delles trazia esponjas ,  
 E qual postilhão corria ;  
 O outro de sal carregado  
 Os pés apenas mexia ;  
     Hum sem custo , outro com elle  
 Montes , e vales andarão ,  
 Até que ao váo d'hum ribeiro  
 Ultimamente chegarão.  
     No que levava as esponjas  
 O Burriqueiro montou ,  
 E fez ir para diante  
 O que de sal carregou.  
     Elle o váo desconhecendo  
 Pregou com sigo no pégo ,

Nadou, veio acima, e vio

Alliviado o carregio:

Porque o sal, de que era a carga,

Derreteo-se n'agoa entrando,

E o seu conductor já leve

Poz-se em terra, e foi trotando.

O Camarada Espongeiro,

Que o vio tão leve sahir,

Quiz á sua imitação

Tambem no pégo cahir.

Ei-lo nas agoas submerso,

Esponjas, e Burriqueiro,

Todos tres bebendo á larga

Querem seccar o Ribeiro.

Tão pezados se fizeram,

Per beberem sem cessar,

Que succumbindo o jumento,

Não pôde as margens ganhar.

O homem lutava co' a morte,

Té qu' hum Pastor lhe acudio;

Mas o Burro das Esponjas

Foi ao fundo, e não surdio.

Guiar por cabeças más

Não he hum bom portamento ;  
A's vezes a dita de hum  
Faz a desgraça de hum cento.



O LEÃO, E O RATO.

Sabio da toca aturdido  
 Damninho pequeno Rato,  
 E foi cahir insensato  
 Entre as garras d'hum Leão.

Eis o Monarchia das feras  
 Lhe concedeo liberdade,  
 Ou por ter delle piedade,  
 Ou por não ter fome então.

Mas esta beneficencia  
 Foi bem paga, e quem diria!  
 Que o Rei das feras teria  
 D'hum vil Rato precisão!

Pois qu' huma vez indo entrando  
 Por huma selva frondosa,  
 Cahio em rede enganosa  
 Sem conhecer a traição.

Rugidos, esforços, tudo  
 Balda sem poder fugir-lhe;

Mas vem o Rato acudir-lhe  
E entra a roer-lhe a prizão.

Rompe com seus finos dentes  
Primeira , e segunda malha ;  
E tanto depois trabalha ,  
Que as mais tambem rotas são.


O seu bemfeitor liberta  
Huma divida pagando ,  
E assim á gente ensinando  
De ser grato a obrigação.

Tambem mostra aos insolfridos ,  
Que o trabalho com paciencia  
Faz mais , que a força , a imprudencia  
Dos qu' em furia sempre estão.





A POMBA, E A FORMIGA.

m quanto a sede huma Pomba  
Em clara fonte mitiga,  
Vê por hum triste desastre  
Cahir n'agoa huma formiga.

N'aquelle vasto Oceano  
A pobre luta, e bracêja,  
E vir á margem da fonte  
Inutilmente deseja.

A Pomba por ter dó della  
N'agoa huma ervinha lhe lança;  
Neste vasto promontorio  
A triste salvar-se alcança.

Na terra a põe huma aragem;  
E livre do precipicio,  
Acha logo occasião  
De pagar o beneficio.

Que vê atraz de hum vallado,  
Já fazendo á Pomba festa,

Hum descalço Caçador,  
Que dura farpa lhe assesta.

Suppondo-a já na panela  
Diz « hei de-te hoje cear ;  
Mas nisto a formiga astuta  
Lhe morde n'hum calcanhar.

Succumbe á dor , torce o corpo  
Erra o tiro , a Pomba foge ;  
Diz-lhe a formiga « coitado !  
« Foi-se embora a cêa de hoje.

De bôca aberta ficando ,  
Conhece o pobre glotão  
Que só devemos contar  
Com o que temos na mão.

E posto em fim que haja ingratos ,  
Notar devemos também ,  
Que as mais das vezes no mundo  
Não se perde o fazer bem.



O ASTROLOGO.

**U**m Astrologo, que attento  
No aspecto dos Astros lia,  
Que no porvir bens, e males  
Adivinhar pertendia,

Indo co' os olhos no Ceo  
Dentro d'hum poço cahio,  
E vendo males ao longe,  
O mal proximo não vio.

Des homens a fatuidade  
Os faz cahir na loucura  
De escrutar nos Ceos arcanos,  
De ler na idade futura.

Estê acaso, ou providencia,  
Que no Globo nos dirige,  
Antes que as cousas succedão  
Não se prevê, nem collige.

Não coube ao fragil vivente  
Rasgar do futuro o véo,

Nem prescrutar , ou saber  
Sabios arcanos do Ceo.

Que dos Orbes o Architecto  
Nos Astros posto não tem ,  
Para que o leão no mundo ,  
Dos mortaes o mal , e o bem.



---

A LEBRE, E AS RÂS.

**H**uma Lebre em sua toca,  
Supponha-se o que faria,  
Temerosa estava á lerta  
A ver se passos sentia.

Melancólica por genio  
Ralava-se de temor,  
E sentia hum sobresalto  
Ao mais pequeno rumor.

« Quanto infausta sou, dizia,  
« No centro destes desertos,  
« Onde o susto me constrange  
« A dormir d'olhos abertos!

« Talvez que muitos me digão:  
« D'alma esse medo sacode;  
« Mas se elle he de natureza,  
« Quem he que mudalla póde?

« Talvez tambem que os mais passem  
« Em sustos os dias seus;

« Porém os males dos outros

« Não remedião os meus.

Sempre inquieta, e duvidosa  
Assim razoava a Lebre,  
Hum vento, huma sombra, hum nada  
Lhe dava hum susto, huma febre.

Era tempo de ir ao pasto,  
E de largar o seu ninho,  
Qu' he ditado: frio, e fome  
Mettem a Lebre a caminho.

Salhe; porém logo escutando  
Hum tiro, que ao longe sôa,  
Mette pernas a esconder-se  
Nos juncos d'huma lagôa.

Ao vèlla as Rãs d'improviso  
Saltão n'agoa temerosas,  
E vão no fundo esconder-se  
Das suas lapas limosas.

« Que vejo? O' Ceos! clama a Lebre,

« Medo estas Rãs de mim tem!

« O mesmo que os mais me fazem

« A ellas faço eu tambem!

« Ponho em susto hum povo inteiro,


« E sou qual raio da guerra !  
 « Quem me faz tão forte , quando  
 « Tudo me assusta , e me aterra ?

Inda o que for mais medroso  
 Ha de outro medroso ver ,  
 A quem huma vez ao menos  
 De susto faça tremer ;

Igualmente o desditoso  
 Não deve desesperar ,  
 Qu' outro mais infeliz qu' elle  
 Póde no mundo encontrar.



O RAPOSO, E O GALLO.

obre hum tronco estando á lerta  
Velho Gallo astucioso :

« Irmão , com voz de falsete

Lhe diz hum destro Raposo.

« Venho alviçarás pedir-te ,

« E mil parabens te dou ,

« Nossas guerras se acabárão ,

« Por quanto a paz se assignou.

« Já todos somes amigos ,

« E quaes irmãos viviremos ;

« Desce , que abraçar-te quero

« Em prova da paz que temos.

« Fui hoje eu mesmo incumbido

« Desta dita enunciar ,

« Desce , vem , não te demores ,

« Que tenho muito que andar ;

« Tu , e os teus podem sem susto

« Por toda a parte correr ,



« Desce , e o beijo fraternal

« Vem como irmão receber.

« Amigo , lhe torna o Gallo  
Conhecendo-lhe a malicia ,

« Tu não me podias dar

« Mais agradável noticia.

« Paz entre as feras , e as aves !

« Ah ! que morro de prazer !

« Mas espera que lá vejo

« Vir dois Galgos a correr !

« São postilhões certamente ,

« Qu' esta paz vem publicar ,

« Eu já desço , e todos quatro

« Nos podemos abraçar.

« Adeos , lhe torna o Raposo ,

« Não posso deter-me agora ,

« Outra vez nos juntaremos ,

« He já tarde , vou-me embora.

Mais ligeiro do que hum Gamo  
Se poz ao fresco o manhoso ,  
De não pegarem as bichas  
Nimiamente desgostoso.

E o nosso Gallo matreiro

Comsigo se poz a rir ,  
Vendo o tratante com medo  
De orelha baixa fugir.

Qu' he hum prazer quando vemos  
O enganador enganado ,  
Qual o que vai buscar lâ  
E vem por fim tosqueado.





A AGUIA, E O CORVO.

**A** veloz Aguiã de Jove  
Empolgou nédeo carneiro,  
E foi de perto observada  
Por impio corvo agoureiro;

Que bem que menor em forças  
Não era menos glotão,  
E empolgar logo outra rez,  
Quiz á sua imitação;

Voava em toño das rezes  
Indo-se-lhe os olhos nellas,  
E apenas huã escolhia  
Julgava as outras mais bellas.

Marcou em fim entre todas  
A que melhor parecia,  
Era hum carneiro qu' aos Numes  
Para holocausto servia.

Os olhos nelle cevando  
Disse « O' rez das mais formosas!

« Bem haja quem te criou !

« Bem haja a relva que tosas !

« De pasto me servirás :

Eis erguendo hum novo adêjo

Cahe sobre o animal balante ,

Que pezava mais qu' hum queêjo. (1)

Na espessa lâ ferra as unhas ,

Quer voar , mas céde ao pêzo ;

E entre os véllos impessados

De mais a mais fica prezo.

O Pastor vem , ri da scena.

E prendendo-o por hum pé

Leva-o aos filhos , que logo

Lhe dão tratos de polé.

Deve sondar suas forças

Quem entra em qualquer empreza ;

Que nem tudo he para todos

Na ordem da Natureza.

(1) Allusão á fabula do corvo que furtou o queijo.

O PAVÃO QUEIXANDO-SE A JUNO.

**A** Juno o Pavão se queixa  
 Dizendo « O' Deosa Celeste ,  
 « Com razão de ti murmuro  
 « Pela má voz que me deste.  
 « Sou Ave tua , e se quero  
 « Entoar os teus louvores ,  
 « Estrujo os campos em torno  
 « Com meus guinchos troadores ;  
 « O Rouxinol tão mesquinho  
 « Deleita , se a voz levanta ,  
 « He honra da Primavera ,  
 « De ouvillo o mundo se encanta !  
 Irada lhe torna Juno :  
 « Cala-te , nescio invejoso ,  
 « Porque desejas as vozes  
 « Do Rouxinol sonoro ?  
 « De ricas pedras ornada  
 « Não parece a cauda tua ?

- « O listão do Iris brilhante  
 « Em teu cóllo não fluctua ?  
 « Ave nenhuma passêa ,  
 « Que tanto pareça bem ,  
 « Em si ninguém reunir póde  
 « Quantos dotes os mais tem.  
 « Repartio seus dons com todos  
 « A proficua Natureza ,  
 « A's Aguias coragem deo ,  
 « Deo aos Falcões ligeireza ;  
 « Por presagio o Corvo grasna ,  
 « O Mocho nas mortes pia ,  
 « A gralha males futuros  
 « Com seu clamor presagia.  
 « Do que são se aprazem todos ;  
 « E se torno a ouvir queixar-te ,  
 « Darte-hei voz de Filomela ,  
 « Mas hei de as plumas tirar-te.  
 Não quiz o invejoso a troca ;  
 Qu' he nosso instincto invejarmos  
 Sempre o que os outros possuem ,  
 Sem o qu' he nosso largarmos.

O HOMEM, E A GATA.

**H**um homem tinha huma gata  
 Por quem morria de amor,  
 Belleza lhe achava, encantos,  
 E hum não-sei-qué seductor.

Inda mais louco que os loucos,  
 Por ella extremos fazia,  
 Até julgava que, amor,  
 Quando miava dizia;

Com pranto, rogos, prestigios  
 Pôde obter da sorte dura,  
 Que lha mudasse em mulher;  
 Que tanto pôde a loucura!

Fez della a sua metade,  
 Dando-lhe de Esposo a mão:  
 Nenhuma Bella ao seu noivo  
 Prendeo tanto o coração.

Elle fazia-lhe affagos,  
 Ella amoroso carinho;

Mas turbava este prazer  
Qualquer ligeiro ratinho :

Porque de noite na cama  
Apenas algum sentia ,  
Madama saltando á casa ,  
Para apanhallo corria ,

Rato a vir , Noivo em cuidados ,  
Olho á mira , ouvido á lerta ;  
O Marido sem socego  
Estava de boca aberta !

Da tranquillia posse oriundo  
Já o froxo dissabor  
Lhe trocava em triste enojo  
A chamma antiga de amor.

Enfados , costas viradas ,  
Tromba , e mesmo cachação ,  
Da Esposa nunca mudavão  
A natural propensão.

Precauções nada fazião ;  
Qu'inda mesmo estando preza ,  
Saltava em sentindo Ratos ,  
Tanto pôde a Natureza !

Corrigir ninguém consegue



Mulher, que por genio he má;  
Que sómente a cova tira  
Propensões, que o berço dá.

O appetite, e novidade  
São véos, que cobrem defeitos,  
Que avultão depois, e enfadão  
Quando estamos satisfeitos,



O BURRO, E O LEÃO CAÇADOR.

**M**etteo-se em cabeça hum dia,  
Hum dia de madrugada,  
Ao tyranno Rei das Feras  
Ir fazer huma caçada.

Ora a caça do Leão  
Não he quaesquer bagatellas,  
Sim nédeos Corsos, bons Gamos,  
Javalis, gordas Vitellas;

Depois de pensar na empreza  
Chama o Burro, e lhe destina,  
Que lhe ha de servir na caça  
De corneta, ou de buzinha.

Cobre-o de verde ramagem,  
E depois vai-se esconder,  
Tendo-lhe dito primeiro  
O que devia fazer;

Eis dos zurros a procella  
Sôa, qual trovão troador!

O descostume de ouvillos

A's feras enche de horror ;

Errantes , espavoridas

Dos covís profundos sahem ,

Mas nas garras do Leão

Incautas aos centos cahem ;

Depois de finda a caçada ,

Muito ufano o Burro diz :

« Então , Senhor , não fui causa

« D'aquisição tão feliz ?

« Sim , lhe responde o Leão ,

« Tens grandemente zurrado ,

« Se quem és não conhecesse ,

« Ter-me-hia eu mesmo atterrado !

O Burro foi-se raivoso

D'aquelle mão galardão ;

Mas quem póde sem desprezo

Ver hum asno fanfarrão ?

Faz-se proveitoso o inutil

Pela industria do entendido ,

E até dos zurros de hum asno

Se tira ás vezes partido.

A RAPOSA, E A CEGONHA,

Quiz a Raposa matreira,  
Qu' excede a todas na ronha,  
Lá por piques d'outro tempo  
Pregar hum opio á Cegonha.

Topando-a lhe diz « Comadre,  
« Tenho á manhã bellas migas,  
« E eu nada como com gosto  
« Sem convidar as amigas;  
« De lá ir jantar comigo  
« Quero que tenha a bondade,  
« Vá em jejum; porque póde  
« Tirar-lhe o almoço a vontade,

Agradeceo-lhe a Cegonha  
Huma offerenda tão singella,  
E contava, que teria  
Huma grande fartadella.

Ao sitio aprazado foi,  
Era meio dia em ponto,



*A Raposa e a Cegonha*



E com effeito a Raposa  
Já tinha o banquete prompto.

Espalhadas n'hum lagedo  
Poz as migas do jantar ,  
E á Cegonha diz « Comadre ,  
« Aqui as tenho a esfriar ;

« Creio qu' estão muito boas  
« — Sans facon — vamos a ellas ,  
Eis logo chupa metade  
Nas primeiras lambedellas ;

No longo bico a Cegonha  
Nada podia apanhar ,  
E a Raposa em ar de mofa  
Mamou inteiro o jantar.

Ficando morta de fome ,  
Não disse nada a Cegonha ;  
Mas logo jurou vingar-se  
D'aquella pouca vergonha.

E affectando ser-lhe grata  
Disse « Comadre , eu a instigo  
« A dar-me o gosto ámanhã  
« D'ir tambem jantar comigo.

A Raposa lambisqueira

Na Cegonha se fiou ,  
E ao convite , ás horas dadas ,  
No outro dia não faltou .

Huma botija com papas  
Prompta a Cegonha lhe tinha ;  
E diz-lhe « Sem cerimonia ,  
« A ellas , Comadre minha .

Já pelo estreito gargalo  
Comendo , o bico mettia ,  
E a Esperta só lambiscava  
O qu' á Cegonha cahia .

Ella depois de estar farta  
Lhe disse « Prezada amiga ,  
« Demos mil graças ao Ceo  
« Por nos encher a barriga .

A Raposa conhecendo  
A vingança da Cegonha ,  
Safou-se de orelha baixa ,  
Com mais fome , que vergonha .

Enganadores nocivos ,  
Aprendeí esta lição :  
Tramas com tramas se pagão ,  
Qu' he pena de Talião .



Se quasi sempre os qu' illudem  
Sem que os illudão não passão ,  
Nunca ninguem faça aos outros  
O que não quer que lhe fação.



O VELHO, O RAPAZ, E O BURRO.

O Mundo ralha de tudo,  
Tenha, ou não tenha razão;  
Quero contar huma historia  
Em prova desta asserção.

Partia hum Velho camponio  
Do seu monte ao povoado;  
Levava hum neto que tinha;  
No seu burrinho montado:

Encontra huns homems que dizem:

« Olha aquella que tal he!  
« Montado o rapaz, qu' he forte,  
« E o velho tropego a pé»

« Tapemos a boca ao mundo,  
O velho disse « Rapaz,  
« Desce do burro, qu' eu monto;  
« E vem caminhando atraz.

Monta-se, mas dizer ouve  
« Que patetice tão rata!

« O tamanhão de burrinho ,

« E o pobre pequeno á pata.

« Eu me apeio » diz prudente

O velho de boa fé ,

« Vá o burro sem carregio ;

« E vamos ambos á pé :

Apeião-se , e outros lhe dizem

« Toleirões , calcando lama !

« De que lhe serve o burrinho ?

« Dormem com elle na cama ?

« Rapaz , diz o bom do velho ,

« Se de irmos a pé murmurão ,

« Ambos no burro montemos ,

« A ver se inda nos censurão.

Montão , mas ouvem de hum lado

« Apêem-se , almas de breu ,

« Querem matar o burrinho ?

« Aposto que não he seu.

« Vamos ao chão » diz o velho ,

« Já não sei qu' hei de fazer !

« O mundo está de tal sorte ,

« Que se não póde entender.

« He máo se monto no burro ,

« Se o rapaz monta , máo he ,  
 « Se ambos montamos , he máo ,  
 « E he máo se vamos a pé :  
 « Dê tudo me tem ralhado ,  
 « Agora que mais me resta ?  
 « Peguemos no burro ás costas ,  
 « Façamos inda mais esta.

Pegão no burro ; o bom velho  
 Pelas mãos o ergue do chão ,  
 Pega-lhe o rapaz nas pernas ;  
 E assim caminhando vão.

« Olhem dois loucos varridos !  
 Ouvem com grande susurro ,  
 « Fazendo mundo ás avessas ,  
 « Tornados burros do burro !

O velho então pára , e exclama :  
 « Do qu' observo me confundo !  
 « Por mais qu' a gente se mate .  
 « Nunca tapa a boca ao mundo.

« Rapaz vamos como d'antes  
 « Sirvão-nos estas lições ;  
 « He mais que tolo quem dá  
 « Ao mundo satisfações.

**AS RÂS PEDINDO HUM REI.**

**C**ançadas já do seu frouxo  
Democratico Governo,  
As Râs, com preces, hum Rei  
Pedirão a Jove eterno.

Hum Rei pacifico, e docil  
Manda Ammon (1) dos Ceos cahir;  
Mas do baque o estrondo logo  
As faz de susto fugir.

Longo tempo não ousarão  
Ver do Monarcha o semblante,  
Julgando humas qu' era de ouro,  
Outras hum fero Gigante;

Mas o Rei era hum Cavaco,  
Cuja grave sob'rania

(1) Ammon he Jupiter, que se adorava na forma de hum carneiro.

Encheo de susto a primeira ;  
Que de o ver teve a ousadia.

Aproximou-se tremendo  
Ao yulto do Semi-Nume ,  
Outra a seguio , depois outra ,  
E assim as mais em cardume.

Este povo com seu Rei  
Fez-se tão familiar ,  
Que até chegava por fim  
Em cima delle a saltar.

O pacifico Senhor  
Firme tudo supportava ;  
Mas seu Povo descontente  
Assim de Ammon se queixava :

« Quando tal Rei nos mandaste  
« Estavas dormindo , ó Jove ,  
« Dá-nos hum Rei forte , esperto ,  
« Não hum páo , que se não move.

Jupiter hum Grou lhe envia ,  
Que as mata , e come aos cardumes ,  
Eis as Rãs logo a queixar-se ,  
E eis lhes torna o Pai dos Numes :

« Descontentes vos queixaveis

« Do governo que vos dei ,  
 « Pedistes que hum Rei vos desse ,  
 « E eu logo vos puz hum Rei.

« O ser pacifico ; e bom  
 « Foi de o insultardes motivo ,  
 « Volveis pedistes-me outro  
 « Mais esperto , e mais activo.

« Dei-vos agora o que tendes  
 « Forte , inquieto , e punidor ,  
 « Deveis soffrello ; que póde  
 « Vir outro muito peor.

Naquelle estado em que estamos  
 Contentes nunca vivemos ,  
 E acontece as mais das vezes  
 Lamentarmos se o perdemos.



A AGUIA, A PORCA, E A GATA.

**V**eloz Aguia n'hum Sobreiro  
 Tenros filhos aninhava ;  
 E em baixo no chão tambem  
 Humas Porcas os seus criava.

Em meio de ambas no tronco ,  
 Onde funda toca havia ,  
 Com seus filhos igualmente  
 Esperta Gata vivia.

Gozavão as tres familias  
 Alli da união mais grata :  
 Mas turbou esta harmonia  
 Com mexericos a Gata.

Onde a Aguia (1) vivia entrou ,

(1) A Aguia em quanto cria os seus filhos , não devora os animaes que vivem pouco distantes do seu ninho.



Dizendo « Senhora minha ,  
 « Venho contar-lhe a insolencia  
 « Da Porca nossa vizinha.  
 « Junto ao pé deste sobreiro  
 « De dia , e noite a fossar ,  
 « Vai-lhe roendo as raizes  
 « Até por terra o lançar ;  
 « Então nossos tenros filhos ,  
 « E nós mesmas , sem piedade  
 « Diz que seremos objecto  
 « Da sua voracidade.  
 « Vós estais melhor do que eu ,  
 « Qu' em vendo o tronco abalar ,  
 « Podeis nas garras voando  
 « Os vossos filhos salvar.  
 « Mas eu triste... Ah! desgraçada !  
 Nisto com mil caramunhas  
 Despedio-se , e foi descendo  
 Segurando-se nas unhas ;  
 Entra no covil da Porca ,  
 E diz-lhe em voz de mansinha ,  
 « Mal sabe , amiga , o que vai  
 « Com esta nossa vizinha !

« Mas antes qu' eu diga tudo ,  
 « Jure guardar-me segredo ,  
 « Qu' eu d'aquella atraçoada ,  
 « Vivo tremendo com medo !

« Diz que em vendo que você  
 « A tratar da vida sai ,  
 « Logo dentro do covil  
 « A matar-lhe os filhos vai.

Quando a Porca tal ouviu  
 Ficou peor do que as furias ,  
 E contra a innocencia d'Agua  
 Vociferou mil injurias.

Tendo entre as duas familias  
 A Gata o horror semeado ,  
 Sóbe , mette-se na toca ,  
 Esperando o resultado.

A veloz Agua os filhinhos  
 Cobre , e jura não deixallos ,  
 Para que tombando o tronco  
 Possa do insulto salvarlos ;

Bem qu' estalasse de fôme  
 Por temor nunca sahia ;  
 E no seu covil fechada

A Porca o mesmo fazia.

Sendo o estearmos a vida  
Sempre o primeiro dever,  
Deixarão-se ambas de fôme  
Com seus filbinhos morrer;

Teve a Gata com seus filhos  
Huma grande fartadella,  
Até que hum Lobo chegando  
Jantar fez delles, e della.

D'insanos mexêriqueiros  
Quem tem casa, tenha medo;  
Que as desgraças das familias  
Vem a fazer tarde, ou cedo.

Com pés de lâ se introduzem,  
Trazem, levão, contão, mentem;  
E os qu' ás intrigas dão pezo,  
No fim de tudo he que o sentem.



O BEBADO, E A MULHER.

**N**ão se corrigem defeitos.

Por vicio, ou costume antigo:

Conto hum caso para exemplo;

Qu' eu provo sempre o que digo.

Hum certo Ermitão de Baccho,

Ou esponja das tabernas,

Saude, e bolsa estragava

Em bebedeiras eternas.

Huma vez que o roxo çumo

O tinha posto de borco,

E que a mulher o divisa

A dormir bem como hum porco;

Por ver se o terror o emenda,

Antes qu' ao vicio succumba,

Veste-lhe triste mortalha,

E dentro o põe d'huma tumba.

Elle passado algum tempo,

Apenas cose a fornada,

Acorda , abre os olhos , e ergue  
Em torno a vista espantada !

Vê tochas , Eça , Caixão ,  
Triste aparelho de morte !

Clama « que magoa ! ficou  
« Viuva a minha consorte !

Ella qu' estava escondida ,  
Mascarada em Furia sai ,  
E assim , nos bicos dos pés  
Chegando-se á tumba vai.

Traz nas mãos huma caldeira  
Com pêz , e bitume ardendo ,  
Qu' o fumo espesso qu' exhala  
Faz o sitio mais horrendo.

O pobre que já se julga  
No inferno estar verdadeiro !  
Brada « Que digas quem és ,  
« O' fantasma , eu te requeiro.

« Sou do inferno a dispenseira ,  
Diz ella em tom exquisito ,  
« Qu' aos bebados cá primeiro  
« Na tumba negra visito.

« Trago-lhe nesta caldeira

« O qu' elles hão-de comer.  
Pergunta-lhe elle « O' amiga ,  
« E não trazes do beber ?

Os vícios que se invetêrão  
São males que não tem cura ;  
Levão comsigo os humanos  
A's trevas da sepultura,



O LOBO, E A CEGONHA.

**D**ando co' as mãos no focinho  
Tussia hum Lobo engasgado,  
Porque dentro das guelas  
Tinha hum osso atravessado.

Eis que vio huma Cegonha,  
E por gestos, por acções,  
Que lhe acudisse rogou  
Em tão grandes afflicções.

A mezinheira piedosa  
Logo estendendo o pescoço,  
Lhe tirou dos gorgômilos  
Co' a maior destreza o osso.

Acabada a operação  
Pedio-lhe a paga a Cegonha;  
Mas o ingrato respondeo-lhe  
Com esta pouca vergonha:

« Basta-te a gloria de teres  
« Hoje a cabeça mettida

« Dentro da boca de hum Lobo ,

« E inda gosares da vida ;

« Devia ser outra a paga ;

« Mas vai-te daqui , ó louca ,

« E livra-te de me entrares

« Outra vez dentro da boca.

Sómente dos beneficios

Que aos maleficos prestamos ,

O triste arrependimento

He o fructo que tiramos.





O LEÃO, E A PINTURA.

**E**stava ao publico exposta  
 Huma excellente pintura,  
 Onde hum homem lacerava  
 Hum Leão de atroz figura.

Do homem celebrava o povo  
 Esforço, e destreza tanta;  
 Mas passando hum Leão, disse:  
 « Muito a raridade encanta!

« Se os Leões fossem pintores  
 « Quadros houvera a milhões,  
 « Qu' homens ás duzias mostrassem  
 « Lacerados por Leões.

Raras vezes do inimigo  
 Se pinta hum caso a favor;  
 E ao contrario se exaggera  
 O qu' he em nosso louvor.

A MULHER TEIMOSA AFOGADA

**H**um homem qu' era casado  
Com Mulher nescia ; é teimosa ;  
Que tinha hum genio damnado ;

Foi hum dia  
Fazer certa romaria  
Distantê do povoado :

Eis que hum rio caudaloso  
No fim da estrada encontrárão ;  
Que passar era forçoso :

O Marido  
Sonda o vão ; e prevenido  
Teme entrar no pego undoso :

A Mulher teimosa ; e má  
Lhe diz : entra n'agoa ; ó fona ;  
« Que perigo nênhum ha :

« Ha perigo ;  
Torna-lhe elle « E não prosigo :  
E ella diz « Pois eu vou lá :

Nisto mette-se imprudente  
A' levada impetuosa  
Feita pela grossa enchente ;

Então cai ,  
E indo ao fundo aos urros vai  
Envolvida na corrente.

Atterrado o pobre Esposo  
Vendo aquella atroz desgraça ;  
Inda quer salvalla âncioso ;

Que a lastima ,  
E vai pêlo rio acima  
Procurando-a cuidadoso.

Os que virão abismalla  
Vendo-o hir contra a corrente ;  
Dizem : « Valha-tê huma balla ,

« O' borracho ,  
« Se foi pelo rio abaixo  
« Lá em cima hé qu' has de achalla ?

Torna-lhe elle : « Este dragão  
« Sempre com todos viveo  
« Em fera contradicção ,

« E por má  
« Juro que subindo irá ,

« Se as agoas descendo estão.

« A's avessas da outra gente

« Andou toda a sua vida;

« Mas já teimosa imprudente

« Não será.

« Qu' o genio, que o berço dá

« Tira-o a tumba sómente.



O LEÃO DE LONGA IDADE.

**U**m Leão já entrevado  
Pela idade em que se via,  
Dos seus Vassallos n'hum bosque  
Cruéis insultos soffria.

Chegou sorrateiro Lobo  
E pregou-lhe hum dentada;  
Deo-lhe o Cavallo dois couces  
E o Touro dura marrada;

Minha fraqueza os faz fortes,  
Clamava a fera infeliz!  
Paciencia! agora me fazem  
O mesmo qu' eu já lles fiz.

Nisto aos pinotes zurrando  
Farfante o Burro chegou,  
E voltando-lhe a garupa  
Quatro couces lhe atirou.

Ah! que affronta! que desgraça!  
Disse o Leão, dando hum urro,

Antes mil vezes a morte ,  
Que soffrer couces d'hum Burro.

Quando qualquer poderoso  
Decahe do antigo poder ,  
Conte que até do mais vil  
Affrontas ha de soffrer.



A DO'NINHA NA DESPENSA.

**D**esguia, e longa de corpo  
 Entrou Madama Dóninha  
 Por hum estreito buraco,  
 Que certa despensa tinha.

Alli foi gente à esfaimada;  
 Sobre o toucinho saltou,  
 Roêo paços, e prezuntos,  
 E em tudo a sopa molhou;

Passados nove, ou dez dias.  
 Já nédea, gorda, e pezada,  
 Vindo hum criado á despensa  
 Por hum triz não foi pilhada;

Vendo o seu risco imminente  
 Quiz então salvar a pelle,  
 Foi-se ao buraco da entrada,  
 Porém não coube por elle.

Não ser o mesmo suppondo  
 Por onde alli tinha entrado,

Deo mil voltas, não vio outro,

E creio o caldo entornado:

« Neste buraco; então clama,

« Ha dez dias, sem mentir,

« Que para entrar coube; e agora

« Não caibo para sahir.

« Ou eu perdi todo o tino,

« Ou o buraco estreitou;

Mas nisto hum Rato já velho

Desta sorte lhe fallou:

« Magra, e faminta vieste,

« Gorda, e farta agora estás,

« Tórna a ser magra, e faminta,

« Logo sahir poderás.

« Se alguém comtigo aqui der,

« Faz-te os ossos em açorda;

« Reflecte se mais te agrada

« Viver magra; ou morrer gorda?

A Dóninha não fez caso;

E a mesma vida seguio;

Até que derão com ella;

E dura morte sentio.



A varios succede o mesmo  
 Em qualquer occupação ;  
 Que o muito qu' engordar querem  
 Faz a sua perdição !



A RAPOSA, E AS UVAS.

**R**aposa matreira  
 Foi pôr-se debaixo  
 D'erguida parreira,  
 C'os olhos n'hum caxo  
 Das uvas mais bellas,  
 Contando com ellas;  
 Armou-lhes tres pulos,  
 Porém autos nullos,  
 Que não lhes chegou:  
 De novo saltou,  
 Mas teve igual sorte;  
 Buscando outro norte,  
 N'hum ar de desdem,  
 Torcendo o nariz,  
 Com gestos de quem  
 Por más não as quiz,  
 Foi pernas mettendo  
 Com lépido passo,

E disse entendendo ,  
 Qu' as outras a ouvião :  
 « Estão em agrão ,  
 « Nem cães as comião.  
 Ha muitos humanos  
 Que seguem taes planos  
 Por cousas se empenhão  
 Que sofregos querem ,  
 E dellas desdenhão  
 Se não lhas conferem.



O GATO, E O RATO VELHO.

**O**u eu li, ou m'o disserão,  
 Que havia hum algoz dos Ratos,  
 Hum Rodilardo segundo,  
 Hum Bonaparte dos Gatos.

Era huma legoa de roda  
 Temido mais qu' o Diabo,  
 E dos Ratos parecia  
 Querer d'huma vez dar cabo.

Armadilhas, Ratoeiras  
 Nada a par delle fazião,  
 Com medo a sahir das tocas  
 Os Ratos não se atrevião.

Vendo o ladino que a força  
 Já pouco podia obrar,  
 Recorreo a novo ardil  
 Para os poder enganar.

N'hum cordel se pendurou,  
 Miando em ar d'engasgado,

Metteo n'hum laço o pescoço  
Fingindo estar enforcado.

Os Ratos , que a medo o virão  
N'aquella triste postura ,  
Qu' era castigo julgáráo  
D'algun roubo , ou travessura ;

Aquella supposta morte  
Foi de mil festins assumpto ,  
Projectou-se huma função  
Por exequias ao defunto.

Das tocas sahindo , e entrando ,  
Já na pelle não cabião ,  
Lambendo-se huns se lavavão ,  
Outros brincando corrião.

Mas não ha prazer completo ;  
Quando o rancho estava junto  
Pregando hum pulo imprevisto ,  
Resuscitou o defunto.

Saltou nelles , pilhou muitos ,  
Dizendo antes de os trincar :

« São da guerra ardís , e haveis-me  
« Todos na pança ficar.

« Para mim são fraco estorvo

« Vossas cavernas escuras ;  
 « Contra vós triumpharão  
 « Minhas tramas , e imposturas.

Depois de trincar aquelles ,  
 Segundo engano inventou ;  
 Indo á casa de amassar  
 Na farinha se embrulhou.

Na taboa d'amassadeira  
 Embrulhado na farinha ,  
 S'enroscou d'olhos á lerta  
 A ver a caça que vinha.

Trotava o Povo miudo  
 Naquelles sitios contente ,  
 Sem que podesse antever  
 O seu perigo imminente ;

Hião farinha comer  
 Do caso desprevenidos ;  
 Succedia-lhes o inverso ,  
 Porque ficavão comidos.

Entanto hum Rato já velho ,  
 E de grande experiencia ,  
 Qu' havia perdido o rabo  
 N'huma renhida pendencia ,

Prático em mil escondrijos,  
Fôra da tóca estendendo  
A cabeça, ao ver o embrulho,  
Disse, o focinho torcendo:

« Bem te vejo, amassadura;  
« Mas fôra do meu buraco  
« Só me verás quando fôres  
« Em vez de farinha, sacco.

A justa desconfiança  
He contra a desgraça escudo,  
Engana-se raras vezes  
Quem desconfia de tudo.



O LEÃO AMOROSO.

Quando os animaes fallavão ,  
E os homens selvagens erão,  
Confundidos huns com outros  
Amantes laços tecêrão ;

    Huma Rainha Cretense  
Por hum Touro suspiroú ,  
E hum Leão tambem Monarcha  
Servil Serrana adorou ;

    Hum dia ao romper d'Aurora  
N'hum bosque a tinha encontrado ,  
E por seus olhos brilhantes  
Ficou de amor transportado.

    Expoz-lhe seus sentimentos ,  
Mil colloquios lhe rendeo ;  
Mas a Serrana assustada  
Nem palavra respondeo

    Elle julgando ser pejo  
O qu' era puro temor ,



Offertou-lhe a mão de esposo  
Do seu affecto em penhor ;

Surrio-se a bella Serrana  
D'ouvir tão doce expressão ;  
E tornou , que só seu Pai  
Disponha da sua mão.

Partio logo o Rei das fêras  
A' tosca humilde choupana ,  
Onde habitava o Camponio  
Pai da modesta Serrana.

Expondo-lhe os seus intentos  
Da filha a mão lhe implorou ;  
De ter hum Genro tão fero  
O Serrano se assombrou !

Perturbado longo tempo  
Hesitou na decisão ;  
Dar-lhe o — Sim — era desgraça ,  
E era risco dar-lhe o — Não. —

Mas hum grande aperto ás vezes  
Ditosa lembrança apresta ,  
E naquella em que se via ,  
Ao Serrano occorreo esta.

Disse « Eu ledo te entregára

« Minha filha , mas prevejo ,  
 « Qu' hão de ferilla teus dentes  
 « Indo-lhe dar algum beijo.

« Tambem receio que possas  
 « Offendella , e magoalla ,  
 « Com tuas pungentes unhas  
 « Quando fores abraçalla:

« Por tanto não ta concedo  
 « Sem saber se tu consentes ,  
 « Que te decotem as unhas ,  
 « E que te partão os dentes.

« Consinto , diz o Leão  
 Em cego amor inflammado :  
 Mas qual foi o seu destino  
 Quando ficou desarmado !

Disse-lhe então o Camponio ,  
 Tendo hum cajado na mão :

« Vil , o arrojo pagarás  
 « Da tua atroz pertençaõ.

Eis saltão nelle á pancada ,  
 Que resistir não podendo ,  
 Envergonhado , e corrido  
 Foi logo pernas mettendo.

A cega credulidade  
 A mil desgraças conduz ;  
 Mas ainda a paixão de amor  
 Maiores danos produz ;  
 Aos fêrvidos appetites  
 Nocivo culto offertamos ,  
 Precipícios não tememos  
 Para obter o que estimamos.



O BURRO, E O DÓGUE.

**B**ra huma vez hum Jumento  
 Que certa cãsa servia ;  
 Na qual tambem muito nedeo  
 Hum Dógue formoso havia.

No silencio d'alta noute  
 O orelhudo comparava  
 A sua penosa vida  
 Com a que o Dógue levava.

Huma vez triste, e zangado  
 Entrou a dizer assim :  
 « Trabalho mais do qu' eu posso ,  
 « E ninguem tem dó de mim !  
 « Esse Dógue , esse cachorro  
 « Passa vida regalada ,  
 « Corre , pula , brinca , e dorme ,  
 « Come , bebe , e não faz nada.  
 « Mas creio qu' elle desfructa  
 « Huma estimação tão alta ,

« Porqu' assim qu' o Patrão chega  
« Faz-lhe festa, gâne; e salta.

« E a mim talvez que me odeiem,  
« Porqu' hum tanto sou casmurro,  
« E trago impressa na frente  
« Sempre tristeza de burro.

« De yida se muda; o instincto  
« Qu' imite o Dógue me diz,  
« Que fazendo o qu' elle faz  
« Posso tambem ser feliz.

Constante neste projecto  
Quebrando o cabresto hum dia,  
Poz-se á espera, d'olho á lerta  
A ver se o Patrão sahia.

Zurrando apenas o vio,  
Nelle aos pinotés saltou,  
Poz-lhe as patas sobre o peito,  
E na calçada o lançou.

Depois entrou a lambello  
Tal como o Dógue fazia;  
Dava-lhe em defesa o dono  
Murro, e couce, que fervia.

Depois que se pôde erguer,

Lançando mão de hum cajado,  
Deo-lhe a deixallo por morto,  
Julgando-o louco, ou damnado.

Assim pagou a imprudencia  
Da sua louca invenção;  
Cada qual tem seu instincto;  
Ser burro não he ser cão.

Deveremos conhecer-nos;  
Qu' além de arrojo he leveza  
Buscar transpor os limites,  
Que nos pôz a Natureza.



O HOMEM, E O IDOLO DE PÃO.

**P**ela fama dos milagres,  
Comprou hum certo Pagão  
Hum Idolo de madeira,  
Por bom preço n'um leilão.

Em casa o poz sobre hum Throno,  
E para vello propicio  
Lhe fazia d'alvas rezes  
Hum, e outro sacrificio;

Com mil rogos lhe implorava  
Cargos, filhos, interesses;  
Mas tendo orelhas o Nume  
Era surdo ás suas preces.

Reiterava os sacrificios  
Com firmeza, e confiança,  
E bem qu' em vão, nunca o Deos  
Perdia a sua pitança.

Mas de baldar tantas preces  
Hum dia desesperado,

Faz em cavacos ao Deos

A golpes d'impio machado.

Cheio de ouro o achou por dentro,

E absorto exclama « Que tal!

« Já vejo qu' este Senhor

« Não se quer senão por mal.

« Dentro em si tinha hum Thesouro,

« E que o guardava parece

« Só para aquelle profano,

« Qu' em pedaços o fizesse.

Era este Idolo enganoso

Ao Sobreiro comparado,

Que de si não larga fructos

Se não he bem varejado.

Homens ha quaes o tal Deos

Para os qu' os honrão inuteis,

E só rígor, e violencia

Tem força de os tornar uteis.





A GRALHA ENTRE OS PAVÕES.

**P**avão, qu' andava na muda,  
Sua plumagem largou,  
E hum Gralha presumçosa  
Com ella o corpo adornou.

Entre hum rancho de Pavões  
Atrevida se metteo,  
Até qu' hum dos camaradas  
A impostora conheceo.

Passou palra aos companheiros,  
Qu' em cima della saltarão,  
E não só o adorno alheio,  
Mas o proprio lhe tirarão.

Voltou para as companheiras,  
Que do successo informadas,  
A banirão do seu rancho  
Ao som de mil apupadas,

O que succedeo á Gralha  
Aos homens póde convir;

Aquelle qu' o alheio veste ,  
O vem na Praça a despir.

Este caso , além do exposto ,  
Serve também de lição ,  
A todos os que procurão  
Parecer mais do que são.



O RATO, E A RÃ.

**P**or divertir-se huma tarde  
Hum Rato nédeo, e refeito,  
Na margem d'huma lagôa  
Passeava satisfeito.

Huma Rã, que d'entre huns juncos,  
Tão gordo o vê passear,  
De o comer tem appetite,  
Que o julga hum bello manjar.

Diz-lhe então « Vem aos meus lares.  
« Cêa, e função te darei.  
O Rato sem mais demora  
Prompto lhe torna: Eu irei.

A Rã na margem saltando  
Com refinada malicia,  
Do seu aquático Imperio  
Lhe gaba a summa delicia.

Desta jornada lhe pinta  
Novas futuras vantagens,

E o prazer, qu' aos seus daria  
Contando as suas viagens.

O Rato sem mais ouvir,  
Entra n'agoa, e nadar ousa;  
Porém de estorvo lhe serve  
Hum limo, hum pão, qualquer cousa.

Põe remedio a tudo a Rã  
Cavilosa, e de má fé,  
Prende com delgado junco  
A mão do Rato ao seu pé.

Então por elle puxando,  
Qual se leva á sirga hum barco,  
Dolosa ao sitio o conduz  
Onde era mais fundo o charco.

Alli descarada busca  
Afundallo sem piedade,  
Contra o direito das gentes,  
E leis da hospitalidade.

O Rato conjura os Deoses,  
Razões sem conto lhe allega;  
Mas a Rã surda a seus rogos  
Só em matallo se emprega.

Das unhas se vale o pobre

Para defender a vida ;  
A Rã com elle mergulha ,  
Volta , puxa , salta , e lida ,

Vendo hum Milhano o debate ,  
Cai-lhe em cima derepente ,  
Empolga a Rã , indo o Rato  
Bem como sello pendente ;


« Tenho , então disse o Milhano ,  
« Carne , e peixe que cear ;  
Mas roendo o Rato o junco  
Cai n'agoa , e pôde escapar .

A Rã victima foi só  
Do seu embuste inhumano ;  
E o mal que fazer queria  
Lhe fez o feroz Milhano .

Quasi sempre as impias tramas  
Urdem o mal do inventor ;  
E mil vezes a perfidia  
Recahe sobre o seu Author .



o RAPAZ, e o MESTRE.

 erta manhã de sueto  
Rapaz, que andava na escola,  
Foi para as margens d'hum rio  
Fazer muita cabriola.

Faltando-lhe ambos os pés  
Cabio n'agoa de repente,  
E foi pelo rio abaixo  
Levado pela corrente.

Hum verdejante Salgueiro  
O fado lhe deparou,  
A cuja verde ramagem  
A's mãos ambas se agarrou.

O Mestre da sua escola  
Então por alli passava:

« Acuda-me, Senhor mestre,

« O pequeno lhe gritava.

Elle n'hum tom de pedante  
Em lugar de lhe acudir,



*C. Ripazzi e o. Mestre*





Entrou logo a reprehendello  
Por brincar, e por cahir.

« Deixa estar, já que te mettes,  
Dizia, « nestas alhadas,

« Hei de rachar-te ámanhã

« As mãos com palmatoadas.

« Para soffrer destes brutos

« As asneiras, he preciso

« Não só paciencia de Jóh

« Mas de hum Catão o juizo.

« Eu que sou hum — Non plus ultra —

« Em regras grammaticaes,

« Qu'hum verbo passivo, ou neutro

« Conjugo melhor que os mais;

« Que os tres generos distingo,

« Que sei syntaxe de cór,

« Mettido a soffrer crianças...

« Não ha desgraça maior!

Pedindo que o soccorresse

O rapaz o interrompia;

Mas elle sem attendello

Na prégação proseguia.

« Ai que morro! Senhor Mestre,

Grita o pequeno insoffrido,  
 « Já não posso! e larga as mãos  
 E he nas agoas submergido.

« Então prosegue o sarfante:  
 « Póde haver maior tolice?  
 « Quiz antes morrer por máo,  
 « Qu'esperar qu'eu lhe acudisse.

Safou-se mui satisfeito;  
 Qu'hum pedante prégador  
 He o bicho mais inutil,  
 Que produz o Creador.

Dá tal peso a seus discursos,  
 Que se vir morrer seu Pai,  
 Sem que os finde certamente  
 Dar-lhe soccorro não vai.



O CAVALLO, E O VEADO.

**L**edo cavallo fogoso  
Paseia a relva d'hum prado;  
Eis que chegando hum Veado  
Tambem pastar procurou  
Sofrego o Cavallo emtanto  
Por ser Senhor mais antigo,  
Deitar fóra do pascigo  
Logo ao Veado intentou.  
Eis virando-lhe a garupa  
Jogou dura artilheria;  
Mas a quem a dirigia  
Hum só tiro não chegou.  
Apenas o vio cançado,  
Correo o Cervo a investillo,  
E então depois de ferillo  
Fóra do campo o lançou.  
Eis ao viajante primeiro,  
Que vio no campo, o Cavallo

Convidou para vingallo  
Do Cervo, que o maltratou.

O homem pôz-lhe hum duro freio,  
Longa cilha, e coxim brando,  
E em cima delle montando  
Contra o inimigo trotou.

Terçando venablo agudo  
Deo sobre o nedeo Veado,  
Que ferido e maltratado  
Depressa o campo deixou.

O Cavallo satisfeito  
Lhe pedio que se apeasse,  
E que o freio lhe tirasse,  
Com que a boca lhe açamou.

Respondeo-lhe o Cavalleiro:  
« De punir a tua offensa  
« Hes tu proprio a recompensa;  
« E agora teu dono sou.

Quiz o Cavallo arguillo;  
Mas elle sem ouvir nada,  
Pregando-lhe huma esporada  
A casa logo o levou.


Por huma nezcia vingança,

Prole vã da fatuidade,  
Da posse da liberdade  
Para sempre se priyou.

He muitas vezes prudencia  
Huma offensa disfarçarmos;  
Que o furor de nos vingarmos  
Sempre abismos nos cayou.



Ó LOBO, A MULHER, E O FILHO.

 oraz Lobo vio sahir  
Huma vez de madrugada,  
Do Casal d'hum Camponez  
De rezes grossa manada.

Logo no dia seguinte  
Foi-lhe á porta madrugar,  
Na idéa de qu'á sahida  
Podesse alguma apanhar.

Pez-se mui concho agachado  
D'ouvido á lerta esperando,  
Quando ouvio dentro da casa  
Huma criança chorando.

E a Mãi dizer-lhe enfandada  
« Calle essa boca mofofo,  
« Inda chora? Espere, ó Lobo.  
« Vem comer este menino.

Quando o Lobo tal ouvio,  
Cheio de alegre alvoroço

Disse: « Immenso t'ó agradeço ,  
« O Geó te pague este almoço.

Depois empinado á porta ,  
Abrindo a vasta goela ,  
Suppoz que a Mãi lhe botasse  
O filho pela janella ;

Mas nisto escuteu dizer  
« Durma já , não seja máo !  
« Se o Lobo quizer cá vir  
« Havemos corrello a páo.  
« Qu'inconsequencia tamanha !

Diz o glotão insoffrido ,  
« Ha de cumprir-me a promessa ;  
« Qu'ó promettido he devido.

Nisto ao som de uivos horrendos  
Na porta a rapar entrou ,  
De sorte qu' aos guardadores  
Que dormião , acordou.

Eis de fouçes roçadouras ,  
De páos , e chuços armados ,  
Saltando-lhe logo em cima  
Fizerão-o em mil bocados.

Da Villa ao Senhor levárão

A cabeça do aggressor ,  
Que a mandou , com esta letra ,  
Em meio da Praça pôr :

« Da nimia credulidade  
« Victima foi este louco ,  
« Em ameaças de quem ama  
« Deve-se crer muito pouco.





O VELHO, E SEUS FILHOS.

**U**m velho sabio, e prudente  
Vendo-se vizinho á morte,  
Chama trez filhos que tem,  
E falla-lhes desta sorte:

« Eia, vede amados filhos,  
« Se quebrais por força, ou geito  
« Este emblema; e tira hum molho  
De varas de vime feito.

Ao filho mais velho o dá,  
Que se propõe a partillo;  
Mas por mais forças, qu'emprega  
Nunca pôde conseguillo.

Pega-lhe o filho segundo,  
Destro, e valente rapaz,  
Que partillo não consegue  
Por mais esforços que faz.

Entregão-no ao mais pequeno,  
Que blazona de mui forte,

Torce-o, dobra-o, córa, e súa,  
E deixa-o da mesma sorte.

« Fracos moços! diz o Pai,  
« Vossa fraqueza celebro!  
« Vede como desta idade  
« Essas varas todas quebro.

Depois desatando o molho.  
Prompto as varas dividindo,  
Com toda a facilidade  
Huma a huma as vai partindo.

E diz: « Vede neste exemplo,  
« Filhos do meu coração,  
« Os desastres da discórdia  
« E as vantagens da união.

« Partir não podeis, ó Moços,  
« As varas, estando unidas;  
« Mas depois de separadas  
« São por fracas mãos partidas.

« Se unidos vos conservardes  
« Assim, ó filhos, sereis,  
« E aos baldões ímpios da sorte  
« Sem custo resistireis;  
« Mas se algum dia a desgraça

« Vos chegar a desunir ,  
 « Qualquer de vós aos seus golpes  
 « Não poderá resistir.

Assim o velho proclama  
 Esta brilhante doutrina ,  
 E no fim de pouco tempo  
 Sua carreira termina.

Os filhos chorão-lhe a morte  
 Com lamentos deploraveis !  
 Porém lembrão-se mui pouco  
 Dos seus conselhos saudaveis.

Porque damnoso interesse  
 Em partilhas os envolve ,  
 E hum credor , e outro credor  
 Os bens paternos dissolve.

Depois vomitando injurias  
 Huns contra os outros litigão ,  
 E os Ministros com prizões .  
 E com multas os castigão.

Pobres por fim , noite , e dia  
 Com pranto , e queixas amáras  
 Recordão , mas sem remedio !  
 O sabio exemplo das varas.

A RAPOSA, (1) A CABRA; E A FILHA.

**C**ontra a Raposa sabida  
 Huma Cabra prevenida,  
 A pastar sahir querendo  
 O fecho da porta erguendo,  
 A' sua prole querida  
 Assim disse, o mal prevendo:  
 « Agora, filha sincera,  
 « Que tenho qu' ir ao pascigo,  
 « Toma conta no que digo:  
 « Saberás qu'ha huma fera,  
 « Que Raposa tem por nome,  
 « A qual rouba, mata, e come,  
 « Pelos embustes que trama,

(1) De la Fontaine diz Lobo, e não Raposa;  
 eu acho mais versosimil ser o caso passado com hu-  
 ma Raposa, do que com hum Lobo.

« Tenras Cabrinhas de mamma ;  
 « E assim , filha , muito importa ,  
 « Qu' em quanto a casa eu não venha  
 « A ninguém abras a porta ,  
 « Sem que te dê esta senha :  
 — Mão fim a Raposa tenha  
 Mais a sua geração. —  
 Por alli passava então  
 Huma Raposa perversa ,  
 Qu'ouvindo toda a conversa  
 De cór a senha aprendeo ,  
 E vendo a Cabra sahir  
 Chegou-se á porta , e bateo ,  
 Entrou a voz a fingir ,  
 Dizendo « Pódes abrir ,  
 « Cara filha , que sou eu ;  
 E nisto a senha lhe deu.  
 A Cabrinha temerosa  
 Da voz estranhando o tom ,  
 Lhe respondeo cautelosa :  
 « Amiga , seria bom ,  
 « Antes qu'eu a porta abrisse ,  
 « Qu'huma das tuas mãos visse ;

« E por tanto o braço entorta ,  
 « E vê se o pôdes metter  
 « Aqui por baixo da porta ,  
 « A fim de qu'eu possa ver  
 « Se he garra , ou unha o que tens ;  
 « D'outra sorte errada vens.  
 Do qu'ouvio tonta a matreira  
 Replicou muito lampeira ;  
 « Porque Raposas tem unha ?  
 « Era o mesmo qu'eu suppunha ,  
 A Cabrinha então clamou ,  
 E no fecho carregou.  
 A Raposa presumida ,  
 Tonta , pasmada , aturdida  
 De ver em tão pouca idade  
 Tamanha sagacidade ,  
 Partio a tratar da vida ;  
 E a Cabrinha acautelada  
 Escapou de ser tragada.  
 Quasi sempre a segurança  
 Serve aos mortaes de guarida ,  
 E a sábia desconfiança  
 Mil vezes nos poupa a vida.

AVISO DE SOCRATES.

**S**ocrates fez humas casas  
De Athenas em certa rua,  
Para nellas habitar  
Co'a pouca familia sua.

Qu'erão baixas huns dizião,  
E outros bastante elevadas,  
E em summa convinhão todos  
Em qu'erão muito apertadas:

« São apertadas, he certo,  
Disse o Sabio « Mas eu sei,  
« Que de amigos verdadeiros  
« Cheias jámais as verei.

He mais raro do que a Fenix  
Hum amigo verdadeiro;  
Não ha nome tão sagrado,  
Que seja mais corriqueiro.

ESOPPO.

**C**om huma lanterna acceza ,  
A's horas do meio dia ,  
O Sabio , célebre Esopo  
Da Grecia as Praças corria.

Levava o sapiente escravo  
Immenso povo comsigo  
Perguntarão-lhe « O que buscas ?  
Respondeo « busco hum amigo.

He quasi sempre a'mizade  
Filha do baixo interesse ;  
Se se acaba a dependencia  
Logo a'mizade fallece.





O ORACULO DE APOLLO, E O IMPIO.

**A**sturdio Pagão hum dia  
 Inda mais impio que tolo,  
 Que pouco em seus Deoses cria,  
 Entrou no templo de Apollo  
 E assim ao Numen dizia:  
 « Para em ti, ó Deos, ter fé  
 « Cumpre, que digas de certo  
 « Se he cousa viva, ou não he  
 « O que nesta mão aperto.  
 Era hum Pardal que trazia,  
 E doloso pertendia  
 De repente suffocallo,  
 Ou incolume deixallo,  
 Segundo fosse a resposta,  
 Que do Oraculo obtivesse,  
 Fazendo huma cousa opposta  
 A'quella qu'elle dissesse.  
 Ardendo em furor activo

O Oraculo lhe responde :

« Mostra-nos , homem nocivo

« Esse Pardal morto , ou vivo ,

« Que a tua mão nos esconde ,

« E vê , sacrilego estulto ,

« Qu'aos olhos dos sacros entes

« Nada póde ser occulto ,

« Que se faça entre os viventes.

O Impio extatico ficou ,

Mas de intuito não mudou ;

Que o máo de ser máo só deixa

Nos momentos de terror ,

Ou quando os olhos lhe fecha

Para sempre , o sacro Author,



A COTOVIA, E OS FILHOS.

**H**uma idosa Cotovia,  
Na meiga flórea Estação,  
Foi mais tardia qu'as outras  
Na sua propagação ;

Entre huma pingue seára,  
Qu'estava quasi madura ,  
Tinha arranjado o seu ninho ,  
E feito a sua postura ;

Já pelos ares se vião  
De novas aves cardumes ,  
E inda os filhos da ronceira  
Estavão todos implumes.

Já secca a seára estava ,  
E o dono da sementeira ,  
Vindo vella com seus filhos  
Lhes fallou desta maneira :

« A'manhã começaremos  
« A ceifar os nossos trigos ,

« Convidai para ajudar-nos

« Todos os nossos amigos.

Forão-se ; e pôde julgar-se

Que susto não soffrerião

Os passarinhos infaustos ,

Qu'ainda voar não podião.

Quando a mãe veio de fóra ,

Disserão-lhe entre alaridos

« Não sabe , ó mãe , o que vai ,

« Não sabe , estamos perdidos !

« Foi o dono destes pães

« Seus amigos convidar ,

« Para ámanhã muito cedo

« A ceifa principiar ;

« Os seus amigos ! disse ella ,

« A vossa agonia he vã ,

« Socegai , dormi tranquillos ;

« Que se não ceifa ámanhã.

Assim foi ; que no outro dia

Os amigos não chegarão ,

Que dando ao velho desculpas

Cortezmente se escusarão.

Voltou no dia seguinte

O dono, e entrou a dizer :

« Nossos amigos faltarão,

« E os trigos vão-se a perder.

« Para amanhã começarmos

« Ide, ó filhos, diligentes,

« Dizer que venhão com fources

« Todos os nossos parentes.

Novos sustos, novas ancias

Os passarinhos tiverão,

E apenas a mãe chegou

Logo tudo lhe disserão.

« Elle convida os parentes!

Disse a esperta Cotovia,

« Pois sabeí, qu'inda amanhã

« A ceifa não principia.

Passou-se a manhã, e a tarde,

E nenhum appareceo,

Respondendo que devião

Primeiro ceifar o seu.

Então no outro dia o dono

Disse « Em nós só confiemos,

« Eu, e vós, e os nossos moços

« A'manhã começaremos;

« Ide, ó filhos, comprar fouces  
 « Hoje mesmo no mercado,  
 « Qu'espero, qu'em breve tempo  
 « Vejamos tudo ceifado.

Quando a Cctovia esperta  
 Vio esta resolução,  
 Disse « O' filhos, logo, e logo  
 « Deixai esta habitação.

Promptamente os filhos todos  
 Cuádas, e voltas dando,  
 Atraz da mãi aos saltinhos  
 Se forão logo safando.

Em menos de tres semanas,  
 Até sem muita canceira,  
 Estava já debulhado  
 O trigo dentro da cira.

O velho então conheceo,  
 Vencendo a sua demanda,  
 A força deste ditado:  
 « Quem quer vai, quem não quer manda.

O AVARO QUE PERDEO O SEU THESOURO.

Com fadigas, com trabalhos  
Hum miserrimo avarento,  
Faltando ao proprio sustento  
Pôde hum thesouro ajuntar,  
E receando algum roubo  
O foi n'hum campo enterrar.

Em triste desasocego  
De noite pouco dormia,  
E apenas amanhecia,  
Hia-o logo visitar;  
O que repetia sempre  
Até o dia acabar.

No fim de cada semana,  
Lá de noite, o malfadado  
Tudo que tinha ganhado,  
Hia ao thesouro additar;  
E passava horas, e horas  
Sem dormir, nem descansar.

Demorou-se huma vez tanto  
Nesta empreza o louco avaro,  
Que já era dia claro,  
E inda estava a trabalhar;  
De tal sorte que foi visto  
Por hum Pastor do lugar.

Apenas se foi o avaro  
O pastor sedento de ouro,  
Foi onde estava o thesouro,  
E entrou na terra a cavar;  
Deo com elle, pôllo ás costas,  
E mui fresco poz-se a andar;

Eis qu'ao sitio em breve tempo  
Voltou prompto o ancioso avaro,  
E do seu thesouro caro  
Achou sómente o lugar;  
Ceos! que prantos, que lamentos!  
Quer fugir, quer-se matar!

Ouvio-lhe hum serio viajante  
O chôro desatinado,  
E do motivo informado  
Lhe disse em muito bom ar:  
« Não tinhas casa, avarento,



« Para o teu ouro guardar ? »

« Perder de vista o que se ama »

« He erro crasso , he ser tonto ;

« Não o tinhas lá mais prompto

« Quando o quizesse gastar ?

« N'huma afflicção , n'hum repente ,

« Como o havias ir buscar ?

« Quem ? eu gastar o meu ouro !

Lhe respondeo o avarento ,

« Que com tanto soffrimento

« Tenho podido ajuntar !

« Para tal não tinha forças ,

« Antes de mingoa estalar.

« Ah ! tornou-lhe o caminhante ,

« Modera tanta agonia ;

« Teu ouro de que servia ,

« Se o não havias gastar ?

« Suppõe que to não roubárão ,

« E põe terra em seu lugar ;

« De que serve a posse do ouro ,

« Se uso d'elle não fazemos ?

« Urgencias iguaes soffremos

« A's qu'o pobre ousa passar ;

« Quem não quer , ou quem não póde ,  
« Sempre deixa de gozar.



A TAINHA, E O PESCADOR.

**H**uma pequena Tainha,  
Qu'inda não era fataça,  
Na margem d'huma ribeira  
Cahio em dolosa naça.

O Pescador quando a vio,  
Lhe disse « E's pequena assás,  
« Mas fazes numero, á noite  
« De cêa me servirás.

« Tem dó de mim, clamou ella,  
N'hum tom de vós muito agudo.

Qu'este caso foi no tempo,  
Em que inda fallava tudo;

« Tem dó de mim, prosegueio,  
« Torna-me n'agoa a lançar,  
« E quando eu for mais crescida,  
« Pódes-me então apanhar,

« De que te sirvo eu agora  
« Nesta minha pequenhez?

- « Sou hum mesquinho bocado ,  
 « Que se engole d'huma vez ;  
 « Por alto preço me pódes  
 « Quando eu for grande vender ;  
 « Ou ter em mim tres jantares  
 « Se me quizeres comer.  
 O Pescador lhe tornou ,  
 « Fallas verdade , bem sei ;  
 « Mas antes hum — toma lá —  
 « Do que dois — eu te darei. —  
 « Tu , e algumas irmãs tuas ,  
 « Qu'inda hoje espero pescar ,  
 « Hão de servir-me esta noite ,  
 « Qu'as hei de fritas cear ;  
 « Talvez que mais te não visse ,  
 « Se te soltasse piedoso ;  
 « He tolo quem deixa o certo  
 « Pelo que está duvidoso ,



AS ORELHAS DA LEBRE.

**C**onta-se qu' em noite escura  
 Certo animal corni-fronte  
 Pôde ferir á traição ,  
 Junto da encosta d'hum monte ,  
 O Rei das feras Leão ;  
 Que em despique mandou logo  
 Banir por ordens legaes ,  
 Para horror de tal delicto ,  
 Os bi-cornes animaes  
 De todo aquelle districto :  
 Bois , Veados , Cabras , todos  
 Que na frente armas trazião ,  
 Aquelles sitios deixavão ;  
 E os que logo o não fazião ,  
 Dura morte supportavão !  
 Notando tímida Lebre  
 Cumprirem-se leis tão cruas ,  
 Na sombra hum dia observando

As longas orelhas suas ,

Disse a hum grillo titubando :

« Ai ! qu'estas minbas orelhas

« Por chifres se tomarão !

« E se houver hum delator

« Qu'o vá dizer ao Leão ,

« Da lei me exponho ao rigor !

« Tu fazes de mim pateta ?

« Falla , tola ; pois he crível ,

Lhe disse o Grillo em bom ar ,

« Qu'hum pár de orelhas flexivel

« Possa por chifres passar ?

« Sim (disse ella) e por que não ?

« Tenho-os visto mais pequenos.

Tornou-lhe o Grillo « Vaidosa !

« Se os teus fumós fossem menos ,

« Serias mais venturosa.

« Quem és conhece , e descança ;

« Porque sempre que suppomos ,

« Pela vaidade que temos ,

« Ser aquillo , que não sômos ,

« Mil incommodos soffremos.

A RAPOSA DERRABADA.

**H**uma ladina Raposa  
 Cahio em certa armadilha,  
 (Que sempre as tece o Diabo!)  
 E foi grande maravilha  
 Ficar apenas sem rabo:  
 Com tal pèrda envergonhada,  
 De a cohonestar busca a idéa;  
 E as socias vendo huma vez  
 Juntas em grande assembléa,  
 Lhes disse muito cortez:  
 « Sabei qu'os cães destes sitios,  
 « Qu'ha dias tenho encontrado  
 « Por esta campina toda,  
 « Temércio o rabo cortado,  
 « Que me faz crer qu'isto he moda;  
 « Se he moda; (fallo-vos sério)  
 « Nunca vi cousa mais util!  
 « De que serve dizeis vós,

« Trazermos hum pezo inutil

« Pendurado atraz de nós?

« Hum rabalhão gadelhudo,

« Que nos faz calma no estio,

« E lá pelo inverno todo

« Nos dobra, e exaspera o frio,

« Ou cheio de agoa, ou de lodo?

« Por tanto eu vos aconselho,

(E deixemos questões futeis)

« Qu'o rabo cortemos todas;

« Pois quando as modas são uteis,

« He util seguir as modas.

Huma Doutora do rancho,

Mestra em astucias antiga,

Lançando-lhe a vista em roda

Lhe diz « Ora aposto, amiga,

« Que tu já usas da moda?

« Deixa ver, dá meia volta.

Eis qu'então a derrabada,

Disfarçar-se não podendo,

Lo som de grande assoada,

lando ás gambias foi correndo.

Quem de hum delicto affrontoso



Em si o ferrete imprime,  
Com achar parceiros conta;  
Crendo qu'a mancha do crime,  
Sendo usual, pouco affronta.



A VISTA DE QUEM HE DONO.

**H**um tímido Veado  
 Por ímpios Cães instado ,  
 Foi n'hum curral de Bois  
 Buscar piedoso abrigo ,  
 E escudo ao seu perigo.

Hum Boi disse « O' vizinho ,  
 « Vai , segue o teu caminho ,  
 « Melhor asylo busca.

Tornou-lhe o Cervo assim :

« Irmão , tem dó de mim !

« Lá fóra anda hum Cachorro ,  
 « Que se me apanha eu morro !  
 « Aqui ficar me deixa ,  
 « Qu'em premio hum bom pascigo  
 « Te indicarei , amigo.

Calou-se o Boi , e entanto  
 O Cervo poz-se a hum canto ;  
 Trouxerão érya os moços ,

Entrarão, e sahirão,  
E o hospede não virão.

Já livre se julgava  
Do susto qu'encarava;  
Poz-se a comer no feno,  
E junto á manjadoura  
Foi rede varredoura!

Hum Boi lhe disse então:  
« Em risco estás, irmão!  
« Qu'esse homem de cem olhos  
« Não veio ind'hoje aqui;  
« E a vir, pobre de ti!

O tímido Veado  
Foi pôr-se alapardado  
Entre huma carga d'erva;  
E entrou nella a comer  
Por tempo não perder.

Chegou pouco depois  
O dono a ver os Bois,  
Dos moços precedido;  
E hum tanto carrancudo  
Poz-se a ralar por tudo:

« Levanta esse aguilhão,

« A canga está no chão ,  
 « Feno ao mourisco deita ;  
 « Parece est'erva pôca ,  
 « Aqui ha outra boca !

Deitando ao lado os olhos ,  
 Vio entre os verdes molhos  
 Hum galho d'armadura  
 Do tímido Veado ,  
 Qu'estava acaçapado ;

Então lhe disse « O' lá !  
 « Você tambem por cá !  
 « Comendo o pasto aos bois !  
 « Espere « e e'um forçado  
 Deo morte ao malfadado !

Tem mais vista , ou melhor ,  
 Os olhos de hum Senhor ,  
 Do qu'os dos seus criados ;  
 Porqu'o proprio interesse  
 As vistas esclarece.



O CAVALO, E O LOBO.

**N**a linda estação das flores,  
A's horas do meio dia,  
Brioso, esperto Cavallo  
A verde relva pascia.

D'hum bosque vizinho hum Lobo  
Botando-lhe o lúzio, diz:

« Quem te comer essas carnes

« He por extremo feliz!

« Ah! que se fôras Carneiro,

« Ou mesmo Burro, ou Vitella,

« Já marchando me andarias

« Pelo estreito da guela;

« Mas és hum Castello! e assás

« Temo a tua artilheria!

« Vou bloquear-te, e do engano

« Fazer fogo á bateria.

Então do bosque sahindo  
Em passo lento, e miudo,

De largo diz ao Cavallo :

- « Camarada , eu te saúdo ;
- « Respeita em mim hum Galeno ,
- « Que passa a vida a curar ,
- « Que das ervas as virtudes
- « Sabe aos morbos applicar ;
- « Apósto que tens molestias ,
- « E porque na cura errâão ,
- « Tomar ares para o Campo ,
- « Como he uso , te mandárão ;
- « Se quizeres que te cure ,
- « Ficarás são como hum pêro ;
- « — Gratis , — que bem entendido ,
- « Paga de amigos não quero.

    O cavallo conhecendo

A malicia do impostor ,

Diz-lhe « o Ceo lhe pague o bem

- « Que me faz , senhor Doutor ;

    « He verdade qu'eu padeço

- « Ha nove dias , ou dez ,

- « Hum tumor , e huma ferida ,

- « Tudo nas unhas dos pez.

    « Bem qu'essa doença toque

« A' Cirurgia sómente ,  
 Diz o Lobo « eu nesse ramo  
 « Sou hum pratico imminente !  
 Torna-lhe o fingido enfêrmo ;  
 « Pois então , senhor Doutor ,  
 « Chegue-se a mim , qu'eu me volto ,  
 « Venhá apalpar-me o tumor.  
 « Pois não , filho ! diz-lhe o Lobo ,  
 E a fim de o filar se chega ;  
 Mas de repente o Cavallo  
 Dois grandes couces lhe prega ;  
 Acerta-lhe pela frente ,  
 Faz-lhe o focinho a' hum bôlo ;  
 E o Lobo exclama « He bem feito !  
 « Quem me manda a mim ser tolo ?  
 Mette pernas como pôde ,  
 Dizendo hum tanto enfadado :  
 « Como a breca as arma ! fui  
 « Buscar lá ; vim tosqueado.  
 « De carniceiro a Ervanario  
 « Quiz passar sem qu'estudasse ;  
 « Levei da toleima o premio ;  
 « Cada qual para o que nasce.

O LAVRADOR, E SEUS FILHOS.

**L**avrador já vizinho da morte  
 A seus filhos fallou desta sorte :  
 « Filhos meus, hum consellho vou dar-vos ,  
 « De qu'haveis toda a vida lembrar-vos ;  
 « Não vendais a fructifera terra  
 « De meus Pais , fausta herança qu'encerra  
 « Hum thesouro, qu'em dote lles coube ,  
 « Mas o sitio em qu'está nunca eu soube ;  
 « Qu'elle existe, e que o ha sei de certo ,  
 « Mas por vós deve ser descoberto ;  
 « Removei o terreno , lavrai-o ,  
 « Com desvelo a miudo cavaí-o ,  
 « E em ditosas colheitas obtendo ,  
 « Do thesouro porções ireis vendo.  
 Morto o velho , os seus filhos ficárão ,  
 E o paterno consellho abraçárão ;  
 Os seus campos tão bem revolverão ,  
 Que feliz sementeira tiverão ;



Todo o enfasi então descobrirão  
 Dos paternos dictames, e virão,  
 Recebendo feliz porção de Ouro,  
 Qu'he no mundo o trabalho hum thesouro.



A MONTANHA PARINDO.

**E**rguida montanha  
 Parir pertendendo,  
 Fez bulha tamanha,  
 Clamor tão horrendo,  
 Qu'o mundo aturdio;  
 Por fim hum agoado  
 Ratinho infezado  
 Foi quanto pario.

Taes contos dirão,  
 Qu'a todos competem,  
 Que muito promettem,  
 E nada nos dão.



A FORTUNA, E O RAPAZ.

**D**'hum poço na borda,  
Ao longo deitado,  
Rapaz indiscreto  
Dormia engolfado  
No somno mais doce,  
Bem como se fosse  
Em molle colchão:

Qualquer que o fizesse  
Mais annos contando,  
Iria do poço  
Ao fundo bailando;  
Eis passa a Fortuna  
Na mais opportuna  
Feliz conjunção;

Desperta o pequeno  
Com todo o carinho:  
« A vida te salvo,

Lhe diz, « ó louquinho !

« Mas tem mais cautela ,

« Não busques sem ella

« Jámais protecção :

« Se acaso morresses

« No poço afogado ,

« De tal infortunio

« Quem era o culpado ?

« Talvez que dissessem

« Qu'eu era , e tivessem

« De ti compaixão :

« Se aos damnos succumbe

« Quem busca o perigo ,

« Desculpão-se logo

« Os homens comigo ;

« Por suas loucuras ,

« Se tem desventuras ,

« A culpa me dão ;

« Suppõe esses loucos

« No seu desatino ,

« Obterem desculpa ,

« Culpando o Destino ;


« Infaustos reveses

α São fructo mil vezes

α Da má propensão.



O LOBO FEITO PASTOR,

 Lobo por conhecido  
 Vendo fugir-lhe a ventura ,  
 Da nova trama se lembra  
 De disfarçar a figura ;

Toma os trajes de Pastor  
 Veste pellico , e gibão ,  
 Seu rabel , sua sanfonha ,  
 E a tiracol hum surrão.

De hum cajado se apodera ,  
 E em seu chapéo desabado ,  
 Podendo escrevêra « Eu sou  
 « Guilhot , Pastor deste gado.

Desta fôrma contrafeito ,  
 Pé ante pé se encaminha  
 Para o sitio onde o rebanho  
 Remoc a tosada ervinha.

O verdadeiro Guilhot  
 A somno solto dormia ,



*O Lobo feito Pastor*





Dormia o rabel com elle ,  
E o mesmo o seu Cão fazia.

Huma parte do rebanho  
Dormia á sombra igualmente :  
O nosso hypócrita sonso  
Já se baba de contente.

Para poder conduzir  
Todo o gado a seu sabor ,  
Quer unir ao traje as vozes ,  
Quer fingir as do Pastor.

Mas este apuro do engano  
Lhe deita o caso a perder ;  
Que o som da vóz pavoroso  
Faz o campo estremecer.

Espavoridos acordão  
O gado , o Pastor , e o Cão ,  
E ao mascara conhecendo ,  
Ao lombo logo lhe vão ;

Que vendo-se em calças pardas  
Pelos factos impedido ,  
Nem fugir , nem deffender-se  
Ao menos lhe he permittido.

Com a vida paga o dólo ;

Que anda o fingido arriscado  
A ser por qualquer descuido  
Conhecido, e castigado.

Cança-se em vão quem pretende  
Seu natural encubrir ;  
Porqu'ou mais tarde , ou mais cedo  
Lhe hade a mascara cahir.



OS MEDICOS.

**C**erto Medico chamado,  
 D'alcunha o Tanto-melhor,  
 Foi visitar hum doente,  
 Do qual o Tanto-peor  
 Era Medico assistente;  
     O ultimo, sempre funesto,  
 Qu'o doente morreria  
 Altamente sustentava,  
 E o Tanto-melhor dizia  
 Qu'o pobre enfermo escapava;  
     Houve sobre o curativo  
 Mui grande contestação;  
 Hum applicava calmantes,  
 O outro armava huma questão  
 A favor dos irritantes.  
     No fim de tanto debate  
 O enfermo a vida perdeu,  
 E o Tanto-peor clamou:

« Veção qual de nós venceo ?

« Se o meu calculo fálhou ?

Tornou-lhe o Tanto-melhor ,  
(Mostrando hum vivo pezar :)

« Pois eu sempre affirmarei


« Que morreo por não tomar

« Os remedios , qu'indiquei.

Em quanto a mim , se os tomasse  
Morrer havia igualmente ;  
Mas he desgraça maior  
Cahir hum pobre doente  
Nas mãos d'hum Tanto-peor.



A GALLINHA, QUE PUNHA OS OVOS  
DE OURO.

um homem tinha  
Huma Gallinha,  
Que Juno bella (1)  
Por desenfado  
Tinha fadado:  
Vivia ella  
Dentro d'hum côvo,  
E punha hum ovo  
D'ouro luzente  
Em cada hum dia,  
Que valeria  
Seguramente

(1) Carecia-se da razão, por que a Gallinha punha os ovos de ouro; esendo fadada por Juno já fica verosimil.

Dobrão e meio ;  
Mas o Patrão  
Hum dia cheio  
D'impia ambição ,  
Foi-se á Gallinha ,  
E degolou-a .  
Examinou-a ;  
Porque suppunha  
Qu'em si continha  
Rico Thesouro ,  
Visto que punha  
Os Ovos de ouro ;  
Mas nada achou !  
E por avaro  
Se despojou  
Do rico amparo  
Que nella tinha ;  
Outra Gallinha  
Jámais topou  
Com tal condão ;  
E assim pagou  
Sua ambição.

O JUMENTO QUE LEVAVA RELIQUIAS.

**H**um pobre Sendeiro  
 Reliquias levava  
 A sitio remoto ,  
 E o povo devoto  
 Quando elle passava  
 Mil cultos lhe dava ;  
 Inchando-se o estulto ,  
 Julgou presumido ,  
 Que todo este culto  
 Só era devido  
 A' sua pessoa ;  
 E teve tal prôa  
 Com esta illusão  
 O paparrotão ,  
 Que sendo hum selvagem ,  
 De grã Personagem  
 Fumaças criou :  
 Huma tal , qu'observou

A vã presumpção  
Do fôfo asneirão ,  
Só digno d'insultos ,  
Assim lhe fallou :  
« Vê bem qu'esses cultos ,  
« Que os homens te dão ,  
« Com que vil mazombo  
« Tão concho te fazes ,  
« São só ao que trazes  
« Em cima do lombo.  
Ao fôfo Jumento  
Serão comparados  
Alguns Potentados  
De xoxo talento ,  
Que são respeitados  
Só pelo ornamento ,  
De qu'andão cercados.





O VEADO, E A VINHA.

**P**or Cães, e por Caçadores  
Corrido hum Cervo selvagem;  
D'huma Vinha entre a folhagem  
Escondendo-se, escapou;

Apenas suppoz o ingrato  
Estar fóra do perigo,  
No seu bemfazejo abrigo  
A comer logo saltou;

Tendo as videiras despido  
Todo ficou descoberto,  
E dos Cães, qu'andavão perto,  
Cercado, e prezo ficou.

Neste aperto, disse o ingrato:  
« Bem mereço este castigo!  
« Prostrei quem me dava abrigo,  
« Quem minha vida amparou!  
Morreo! deixando hum exêmplo,  
Na sua morte inhumana,

A quem o asylo profana ,  
Qu'a vida lhe conservou.



A SERPENTE, E A LIMA.

Conta-se qu'hum Serpente  
D'hum Serralheiro (1) vizinha  
Esfomeada, e mesquinha,  
Na loja á noite lhe entrou.

Correo tudo, e não achando  
Em que da fome se exima,  
Poz-se a roer n'hum lima,  
Qu'alli primeiro encontrou.

Esta sem que se agastasse,  
Lhe disse « Roe-me, ó Serpente,  
« Verás depois qu'o teu dente  
« Ha de sentir quem eu sou.

Assim foi! rombos ficárão  
Os dentes á Serpe dura,  
Que desde aquella aventura

(1) No original he Relojociro.

Sempre a roer lhe custou.

Comvosco fallo, ó vãos Zoilos,

Vãos de talento, e de estudo,

Mas que ousais morder em tudo

Quanto ás vossas mãos chegou :

São Ouro as obras do Sábio,

Se as roeis, roeis vãmente ;

Não se imprime o vosso dente,

No que a Fama eternizou.



O LEÃO, E O PASTOR.

Sendo furtado hum Cordeiro  
 Por féro voráz Leão ;  
 O basofio Pegoreiro ,  
 Cheio de raiva , e paixão  
 Clama « O' Jove justiceiro ,  
 « Se me entregas o ladrão ,  
 « Dou-te o mais gordo Cordeiro ,  
 « Que tenho no meu rebanho ;  
 « Ah ! que se entre as mãos te apanho ,  
 « Traidor , que o meu odio excitas ,  
 « A' força de bordoadas  
 « Faço-te o corpo em selada.  
 Palavras não erão ditas ,  
 Quando vê d'hum arvoredos  
 Sahir o bravo Leão !  
 Eis convulso o fanfarrão ,  
 Ficando a tremer de medo ,  
 Olha d'hum e d'outro lado ,

Para poder descobrir  
 Algum tronco onde subir;  
 Mas teme ser apanhado.  
 Em tão fera collisão  
 Exclama « O' Jove Sagrado,  
 « Eu te offertei hum Carneiro  
 « Se o ladrão me descubriesses;  
 « Agora o rebanho inteiro  
 « Te dava se me acudisses.  
 O generoso Leão  
 Observando hum tal reccio,  
 Teve delle compaixão,  
 E voltou por onde veio.  
 Lances de aperto, e de horror  
 A pedra de toque são,  
 Onde ou fraqueza, ou valor  
 Signaes de si logo dão.  
 Defronte do contender  
 Redobra o forte a coragem;  
 E o fraco blazonador  
 Muda ao vello de linguagem.

A PERDIZ, E A LEBRE.

**H**uma Perdiz, e huma Lebre  
No mesmo campo habitavão,  
E em vindo a Perdiz ao chão  
Ambas muito conversavão.

A Lebre ás nuvens erguia  
De seus pés a ligeireza;  
Louvava das azas suas  
A perdiz a fortaleza.

Mas ao campo veio hum dia  
Matilha de Cães de caça,  
E a Lebre foi esconder-se  
Temendo alguma desgraça;

O Esperto, e o Fusco, podengos  
De olfacto muito subtil,  
Pela pista farejando  
Derão promptos no covil;

Era o terreno arenoso;  
E logo tanto rapárão,

Que arrombando a fragil toca

A pobre Lebre apanhárão ;

A perdiz tudo observando ,

Qual as amigas modernas ,

Disse « He bem feito , paeovia ,

« De que te servio ter pernas ?

« Tantas vezes celebraste

« Tua grande ligeireza ,

« E sem que hum só pulo desses

« No covil ficaste preza.

Em quanto a Perdiz mofava

Do qu'a mísera passou ,

Parado , c'os olhos nella

Hum Perdigueiro observou ;

Já de sustos perturbada

Batendo as azas fugio ;

Mas o Cão destro correndo ,

Bem que de longe , a seguio :

Cançada pousou n'hum monte ,

E elle sobr'ella correo ;

Tornou-se a erguer , perseguio-a ,

Cançou-a , e morte lhe deo.

Se em quanto em pilhar a Lebre



A matilha se empregava,  
 Tivesse a louca fugido,  
 De certo á morte escapava,  
 Zombarmos do mal alheio  
 Foi sempre loucura atróz;  
 Que nos póde vir por casa,  
 E então zombarem de nós.



**O BURRO VESTIDO COM A PELLE  
DO LEÃO.**

**Q**uebrando a pèa  
Fôfo Sendeiro ,  
Fugio ao dono  
Qu'era moleiro ;  
Dentro de hum bosque  
O fanfarrão  
Achou a pelle  
D'alto Leão ;  
Em toda a parte  
D'ella vestido ,  
Por Leão féro  
Era temido ;  
Homens , e brutos  
O respeitavão ,  
Fugião logo  
Qu'o divisavão :  
Mas das orelhas

Huma pontinha  
 De fóra ao Burro  
 Ficado tinha ;  
 Foi vista acaso  
 Pelo moleiro ,  
 Que julgou logo  
 Ser o Sendeiro ;  
 Indo-lhe ao lombo  
 Com hum cajado ,  
 Punio o arrojo  
 Do mascarado ;  
 Do tolo rindo  
 Despio-lhe a pelle ,  
 Poz-lhe huma albarda  
 E montou nelle.  
 Tal entre os homens  
 Mil se conhecem ,  
 Os quaes são huns ,  
 E outros parecem.  
 Despem-lhe a pelle  
 Que os faz troantes ,  
 Ficão Sendeiros  
 Como erão d'antes.

O RATINHO , E A MÃI.

**C**erto Ratinho inda novo  
 Lá da toca onde nasceo  
 A vez primeira sahio ,  
 E quando se recolheo  
 Contou á Mãi quanto vio.

Disse « apenas sahi fóra  
 « Para o casal mais vizinho ,  
 « Trotando me encaminhei ,  
 « Metti-me n'hum buraquinho ,  
 « E dalli tudo espreitei :  
 « Vi , ó Mãi , dois grandes bichos ,  
 « Differentes na figura ,  
 « Defronte de mim andar ,  
 « Hum respirava doçura ,  
 « O outro fez-me trepidar !  
 « Este d'hum morro vermelho  
 « Ornava a cabeça esguia ,

- « Qu'as orelhas tinha em baixo ;  
 « Só com dois dentes comia ,  
 « Tendo por cauda hum pennacho.  
 « Andava em dois pés , e tinha  
 « Em cada perna hum ferrão ;  
 « Em si c'os braços bateo ,  
 « Desatou vóz de trovão ,  
 « Que de horror me estremeceo !  
 « Pelo contrario o primeiro ,  
 « Era da nossa figura ,  
 « Com modestia passeava ,  
 « Tinha meiguice , e doçura  
 « Na mansa vóz que soltava ;  
 « Era o seu rosto redondo ,  
 « Barba irsuta , olhos luzentes ,  
 « Carta orelha , e nariz chato ,  
 « Ralos , e brancos os dentes ,  
 « Quasi era o nosso retrato :  
 « Tanto me encantou seu modo ,  
 « Que fôra a seus braços ter ,  
 « Se a tal féra impia , e feroz ,  
 « Me não fizesse deter  
 « Com susto da sua voz.

« Ai! filho, a Mãe lhe tornou,  
 « Quanto a'parencia te engana!  
 « Essa figura adoravel,  
 « He d'huma féra tyranna,  
 « Nossa inimiga implacavel!  
 « Se lhe cabisses nas unhas,  
 « Em postas serias feito!  
 « Finge doce mansidão,  
 « Chama-se Gato, e no peito  
 « Guarda hum feroz coração!  
 « He differente o segundo  
 « Que te deo susto mortal!  
 « Tendo hum aspecto feroz,  
 « Se nos vê não nos faz mal,  
 « E he benigno para nós:  
 « Gallo se chama, e nos póde  
 « Servir de pasto alguns dias;  
 « Olha como te enganavas!  
 « Ao bom por susto fugias,  
 « Ao máo por gosto buscavas;  
 Huma doçura affectada  
 He fructo da hypocrisia.  
 Sirva ao mundo esta lição:

Quem de apparencias se fia ,  
Gosta da sua illusão.





**A RAPOSA, O MACACO, E OUTROS  
ANIMAES.**

**M**avendo a tyranna Parca  
Tirado a vida ao Leão,  
Das vastas selvas Monarcha,  
N'hum occulta solidão,  
Os animaes se ajuntarão;  
Do Cofre a c'roa tirarão,  
De qu'era guarda hum Dragão,  
A pleno voto assentarão,  
Qu'a fronte, em qu'ella servisse,  
Desde logo a possuisse:  
Mil Animaes se apromptarão,  
E a c'roa á fronte levirão,  
Porém a nenhum servia;  
Hum por ter a testa esguia,  
Outro por ser cabeçudo.  
Notando o Macaco tudo,  
Bem qu'inda fraco se visse



D'huma grande macacôa ,  
 Tomou entre as mãos a c'roa ,  
 E com muita macaquisse ,  
 Posto que mal lhe servisse ,  
 Na cabeça a collocou.  
 Tanto ao congresso agradou  
 Sua apparente viveza ,  
 Gestos , esgares , destreza ,  
 Que por seu Rei o acclamou.  
 Festas houve , e mascaradas ,  
 Touros , danças , cavalbadas ,  
 Luminarias pelos campos ,  
 Postas pelos Perilampos ;  
 Tudo em prazer se inundou !  
 Só a Raposa prudente ,  
 Ficou assás descontente ,  
 Mas seu enojo occultou ,  
 E ao Rei novo a mão beijou.  
 De trez mezes no decurso  
 Nada o Mono feito havia ;  
 Acavallo sobre hum Urso ,  
 Com gaifonas todo o dia ,  
 Do governo se esquecia.

Eis a Raposa matreira,  
 Observando surrateira  
 Tal porte, desordem tal,  
 Quiz pôr termo a tanto mal:  
 Certo dia muito cedo,  
 Foi ao Palacio Real,  
 E disse ao Rei em segredo,  
 Qu'hum thesouro occulto havia,  
 De que só ella sabia,  
 E qu'a sua Magestade  
 Por direito pertencia.  
 Desta feliz novidade  
 O Rei ficou tão contente,  
 Que se dignou ternamente  
 A dar-lhe hum férvido abraço;  
 E da esperta em companhia  
 Mesmo a pé sahio do Paço:  
 N'huma floresta sombria  
 Entrárão em breve espaço;  
 E disse a Raposa qu'era  
 Onde o thesouro existia:  
 O Mono sem mais espera  
 N'hum covil qu'ella apontou

Foi logo metter o braço ,  
 Mas enredado ficou :  
 Assim que prezo no laço  
 A cavillosa o pilhou ,  
 A conselho os Animaes  
 A'quelle sitio chamou ;  
 E o Rei prezo lhes mostrou :  
 Dizendo-lhes : « Vede alli  
 « Do vosso engano os signaes ,  
 « Cahio no laço qu'urdi  
 « Por ser nescio , e reflecti ,  
 « Que reger não póde os mais  
 « Quem tão mal se rege a si.  
 O congresso qu'até'li  
 Occultava o seu desgosto ,  
 Vendo fausta occasião ,  
 Exclamou : » Seja deposto ;  
 E deposto foi então.  
 Porém como se temia  
 A desgraça d'anarchia ,  
 Elevou-se outro Leão  
 N'outro clima produzido  
 Para Rei daquelle pôvo ;

Que bem qu'era Leão novo,  
 Para Rei tinha nascido:  
 A noticia da eleição  
 A Raposa lhe levou  
 Primeiro do que ninguém:  
 Agradeceo-lha o Leão;  
 Veio a pé sem nenhum trem,  
 Tomou posse, e reinou bem.  
 Apparencias de juizo,  
 Ser alegre, ter bom ar,  
 Não he só o qu'he preciso  
 Para reger, ou reinar:  
 Cumpre qu'haja tolerancia,  
 Rectidão, discernimento,  
 Inteireza, vigilancia,  
 Cultivado entendimento,  
 A's lisonjas vãs ser môco,  
 Ouvir muito, e crer em pôco.  
 O que taes dons ajuntar  
 Póde o mundo governar.

O MACHO, E O BURRINHO.

**D**a sua Nobreza  
Vivia enfunado,  
Hum Macho de sella  
D'hum gordo Prelado;

Hum dia o farfante  
Assim blazonava  
C'hum velho Burrinho,  
Qu'ao pé lhe ficava:

« Meu pai foi da raça

« Do Duque de tal,

« Servio muitos annos

« Na Casa Real;

« Tambem meu avô

« No Paço vivia,

« E d'ouro, e veludo

« Jaêzes trazia;

« Mas sendo eu tão nobre

« Estou companheiro,

« Por minha desgraça ,

« D'hum pōbre Sendeiro.

« O' lá sô Fidalgo !

Lhe torna o Burrinho ,

« Você já se esquece

« De qu'he meu sobrinho ?

« Que foi minha irmã

« A mãi que o pario ,

« A qual n'huma nora

« Dos peitos abrio ?

« Seu pai meu cunhado ,

« De quem nos blazona ,

« Morreo trabalhando

« Em pobre atafona ;

« Pois esse ricaço !

« Que foi seu avô ,

« Debaixo d'albarda

« A vida acabou.

Embora hum bazofio

Seu nada engrandeça ;

Porem nunca avilte

A quem o conheça.

O VELHO, E O BURRO.

**U**m velho, qu'hia montado  
No seu Burro hum certo dia,  
Passou por hum verde prado,  
Onde clara fonte havia;  
E como sede trazia,  
Para beber se apeou.

Solto o Jumento ficando,  
Sem o pezo que levava,  
Já corria retouçando,  
Já na relva se espojava;  
E n'alegria em qu'estava,  
Zurros immensos soltou;

Eis de ladrões chusma brava,  
D'hum bosque por entre os ramos,  
Já perto se devisava;  
« Ai! que perdidos estamos!  
« Ladrões te ouvirão, fujamos,  
O velho ao burro gritou;

« Vê que nos prendem se tardas.

Tornou-lhe o Burro em socego :

« Põe elles duas albardas ?

« Menos grão ? maior carrego ?

« Pois se a peorar não chego ,

« Deste lugar não me vou ;

« He de crer que procurasse ,

« Se acaso escolher pudesse ,

« Quem de mim melhor tratasse ;

« Mas isto não acontece ,

« E he só do meu interesse

« Ficar melhor do que estou ;

« A ventura do tyranno

« Ao tyranno só agrada ,

« Se não minora o meu damno ,

« Se hei de ter vida cançada ,

« Bem pouco me importa , ou nada

« Ser , ou não ser de quem sou.





O VEADO, E OS CÃES.

**M**uma fonte que corria,  
 Certo dia,  
 Hum estólido Veado  
 Retratado  
 No cristal puro se via;  
 Em segredo  
 Celebrava a celsa frente  
 Adornada lindamente  
 D'hum ramifero arvoredó;  
 Mas se a frente celebrava,  
 Lamentava  
 A magreza assás mesquinha,  
 Que nas longas pernas tinha,  
 Que podião parecer  
 Quatro fusos de torcer.  
 Eis que nisto  
 Hum Sabujo mui previsto  
 Deo com elle;

O levissimo Veado

Assustado ,

Por querer salvar a pelle ,

Metteo pernas tão ligeiro ,

Qu'o Rafeiro

Já mui longe lhe ficava ;

E escapava ,

Se entrar n'hum a selva escura

Não quizesse o miserando ;

Qu'a cornífera armadura

Encalhando

Entre os ramos da espessura ,

O prendia ,

Lugar dando ao qu'o seguia ,

Que chegasse ,

E no lombo lhe ferrasse.

Os seus chifres esgalhados

Tão louvados ,

Que lhe ornavaõ tanto a frente ,

Lhe impecêrão totalmente

O proveito ,

Que seus pés lhe tinham feito ;

Mal olhados

Por esguios, e delgados.

Neste aperto se desdisse

Sem conforto

O Veado semimorto,

E maldisse

D'armação, que vio na testa,

A belleza seductora,

Que lhe fôra

Tão funesta!

Muitas vezes maldizemos

O qu'he util,

E o vistoso engrandecemos

Bem que futil,

Eis o exemplo demonstrado

No Veado.



---

**A LEBRE, E A TARTARUGA.**

- « **A**postemos, disse á Lebre  
A Tartaruga matreira,  
« Qu'eu chego primeiro ao alvo,  
« Do que tu, qu'és tão ligeira.  
« Cala a boca, toleirona,  
Lhe disse a Lebre mofando,  
« Ou tens perdida a cabeça,  
« Ou comigo estás zombando.  
Respondeo-lhe a Tartaruga:  
« Nisso me dás a entender,  
« Que receias apostar;  
« Porque não queres perder.  
« Pois tu vã, qu'és huma lesma,  
« Queres competir co'a Lebre?  
« Isso he doença, estás varia,  
« Provem do effeito da febre;  
« Eu que por huma charneca  
« Corro dos Galgos em frente,

« Qu'os canço, sem que me possam

« No lombo ferrar o dente;

« Havia temer a quem

« Gasta hum'hora em dar hum passo?

Retrucou-lhe a Tartaruga

Com todo o desembaraço:

« Leva, amiga, de bazofias,

« Desculpas não valem nada;

« Se tem medo não aposte;

« Porem dê-se por cangada. »

« Ando no mar, e na terra;

« Sei muito bem o qu'he mundo;

« Propuz-me a'postar contigo

« Porque sei no que me fundo.

« Pois vá feito, diz a Lebre;

« E aquelle velho sobreiro

« Seja a meta, e leve o premio

« A que chegar lá primeiro;

« De juiz não precisamos;

« Porqu'eu na meta vou pôr

« As apostas, que serão

« Da primeira que lá for.

Eis vai cumprir o qu'ajusta,

E volta n'hum breve prazo ;  
 Não digo o que foi a'posta ,  
 Porque isso não vem ao caso.

Dado o signal da partida ,  
 Estando as duas a par ,  
 A Tartaruga começa  
 Lentamente a caminhar ;

A Lebre tendo vergonha  
 De correr diante della ,  
 Tratando huma tal victoria  
 De peta , ou de bagatella ,

Julga , cheia de vaidade ,  
 Qu'inda tempo lhe sobeja ,  
 Se entrar a correr , já quando  
 Perto do sobreiro a veja ;

Deita-se , e dorme o seu pouco ;  
 Ergue-se , e põe-se a observar  
 De que parte corre o vento ,  
 E depois entra a pastar ;

Eis deita huma vista d'olhos  
 Sobre a caminhante sorna ,  
 Inda a vê longe da meta ,  
 E a pastar de novo torna ,

Olha ; e depois qu'a vê perto ,  
Começa a sua carreira ;  
Mas então apressa os passos  
A Tartaruga matreira ;

A' meta chega primeiro ,  
Apanha o premio apressada ,  
Pregando á Lebre vencida  
Huma grande surriada.

Não basta só haver pósses  
Para obter o qu'intentamos ;  
He preciso pôr-lhe os meios ,  
Quando não atrás ficamos :

O contendor não desprezes  
Por fraco , se te investir ;  
Por qu'hum anão acordado  
Mata hum gigante a dormir.



O BURRO, E OS DONOS.



Burro de hum Ortelão  
 A' Sorte se lamentava,  
 Dizendo que madrugava,  
 Fosse qual fosse a estação,  
 Primeiro qu'os resplandores  
 Do Sol trouxessem o dia.  
 « Os Gallos madrugadores,  
 (O nescio Burro dizia.)  
 « Mais cêdo não abrem olho,  
 « E porque ? por ir á Praça  
 « C'huma carga de Repolho,  
 « Hum feixe d'Aipo, ou Labaça,  
 « Alguns Nabos, e Bringellas;  
 « E por esta bagatellas  
 « Me fazem perder o somno.  
 A Sorte ouviu seu clamor,  
 E deo-lhe em breve outro dono;  
 Qu'era hum rico Currador :



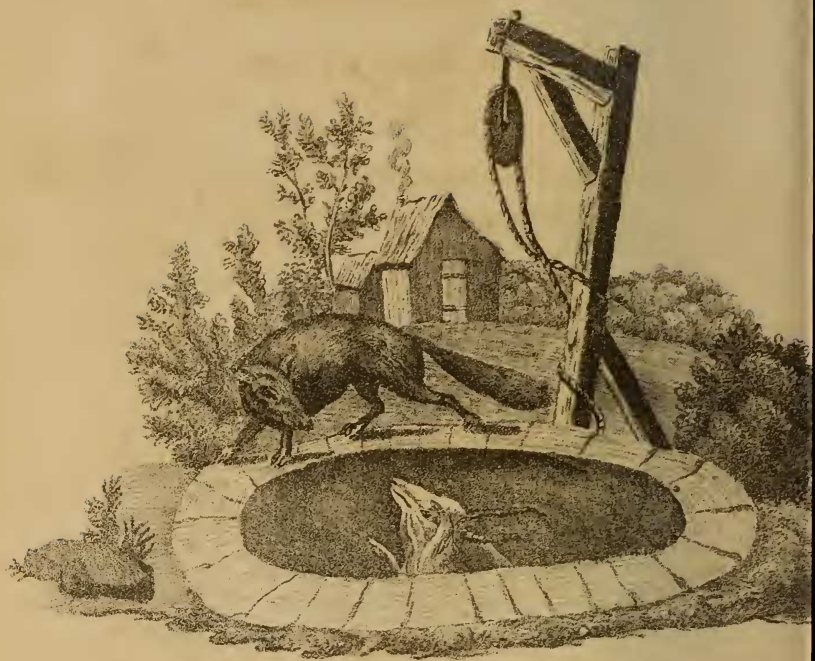
Eis de couros carregado ,  
 Soffrendo hum cruel fedor ,  
 Já carpia ter deixado  
 O seu antigo senhor :  
 « Naquelle tempo dourado ,  
 Dizia « andava eu contente ;  
 « Cada vez que hia ao mercado  
 « Botava á cangalha o dente ,  
 « Lá vinha a Couve , a Nabiça ,  
 « A Chicarola , o Fôlhado ,  
 « E outras castas de Ortaliça ;  
 « Mas se hoje fraço do peito  
 « O meu dente á carga deito ,  
 « Em vez da viçosa rama  
 « Da Celga, do Grelo , ou Nabo,  
 « Só acho dura courama ,  
 « Que fede mais qu'ô Diabo !  
 Prestando ás queixas do Burro  
 A Sorte alguma attenção ,  
 Lhe deo por novo Patrão  
 Hum Carvoeiro casmurro.  
 Entrou em nova afflicção  
 O desgostoso Jumento ,

Vendo faltar-lhe o sustento,  
 E em negro pó de carvão  
 Andando sempre afogado,  
 Tornou a carpir seu fado.

« Que tal! diz a Sorte em furia,  
 « Este maldito Sendeiro  
 « Com sua eterna lamuria  
 « Mais me cança, mais me afflige  
 « Qu'hum Avaro aventureiro,  
 « Quando fortunas me exige;  
 « Pensa acaso este imprudente,  
 « Que só elle he desgraçado?  
 « Por esse mundo espalhado  
 « Não vê tanto descontente?  
 « Já me cança este marmanjo!  
 « Quer qu'eu me occupe sómente  
 « Em cuidar no seu arranjo?

Foi justo da Sorte o enfado,  
 Qu'he propensão do vivente  
 Lamentar-se do presente,  
 E chorar pelo passado:  
 Que ninguém vive contente,  
 Seja qual for seu estado.





*O Raposo e o Bode.*

O RAPOSO, E O BODE.

**H**um Grã Capitão Raposo  
D'intonso, e ruço bigode,  
Foi passear certo dia  
Com seu amigo Dom Bode.

O qual da familia as Armas  
Trazia na frente audaz,  
Tendo tanto de pacovio  
Quanto o amigo de sagaz.

Grande sêde ambos levavão,  
Que lhes tinha feito o almoço:  
Eis que virão meio de agoa  
Hum velho pequeno poço.

Sem reflectir em mais nada  
Dom Bode abaixo saltou,  
Pouco depois o Raposo  
Assim que hum pouco pensou.

Depois que á farta bebêrão  
Quizerão logo ir-se embora;

Mas era a difficuldade

Poder sahir para fóra.

Estava a Biblia intrincada ;

Mas sempre em casos de aperto

Ousa sahir bem , á custa

Do que he tolo , o mais esperto :

« Amigo estamos perdidos !

Disse o Bode ao companheiro,

« Não estamos , verás logo ,

Tornou-lhe o amigo matreiro.

« Junto á parede te impina

« Onde o poço he menos alto ,

« Qu'eu ponho os pés nos teus chifres ,

« As mãos firmo , e fóra salto.

« Assim qu'em cima estiver

« Lanço-te a garra ao pescoço ,

« Por ti puxo , e ficaremos

« Ambos nós salvos do poço.

« Por minhas barbas eu juro ,

O outro diz banhado em pranto ,

« Que he dita achar hum amigo ,

« Como tu , de engenho tanto.

« Onde o bocal he mais baixo

« Eu me empino , trepa agora ;

O Raposo assim o fez ,

E n'hum pulo se vio fóra.

Apenas se encontrou safo.

Disse : « Tem paciencia amigo,

« O querer-te salvar fôra

« Expôr-me a novo perigo ;

« Se te desse iguaes ás barbas

« Talentos a Natureza ,

« D'entrar dentro deste poço

« Não terias a leveza.

« Ora Adeos , qu'eu vou-me embora ;

« Trabalha por te safar ,

« Qu'eu tenho muitos negocios

« Não me posso demorar.

Pagou Dom Bode a toleima ,

Que sempre tem que sentir

Quem faz cousas sem pensar

No que póde sobrevir.



O SOL, E AS RÃS.

**Q**uerendo o Sol casar-se ,  
 As Rãs , quando o souberão ,  
 A Jupiter fizerão  
 Humilde petição ;  
     Dizendo « Não consintas ,  
 « O' Jupiter Sagrado ,  
 « Que mude o Sol d'estado ;  
 « Que tenha geração ;  
     « Porque se elle sozinho  
 « Com seu calor intenso  
 « Nos faz hum damno immenso  
 « Na cálida estação ;  
     « Em tendo Esposa e prole ,  
 « Seus novos successores ,  
 « Com fervidos calores  
 « O mundo abraçarão :  
     « Seccando-se as lagôas ,  
 « As fontes , e as correntes ,



« Os nossos descendentes

« A vida acabarão.

Ouvindo Jove as preces ,  
Negou consentimento  
Do Sol ao casamento ,  
A's Rãs em attenção.

Aquelle que previne  
Qu'o mal se reproduza ,  
Prudente evita , e escusa  
De horrores profusão.



O HOMEM, E A SERPENTE.

**M**um moço encontrou

Dormente

Serpente,

Qu'o gelo enervou.

A casa a levou,

E logo

Do fogo

Mui perto a chegou,

A vil se animou,

Qu'em breve

Da neve

O effeito acabou;

A cauda annelou;

Erguendo,

E torcendo

O collo, silvou:

A quem a salvou

Do corte

Da morte  
 Matar intentou.  
 O moço tomou  
     Pezado  
     Machado,  
 E ao meio a cortou.  
 A ingrata acabou  
     Partida,  
     Co'a vida  
 Seu crime expiou.  
     O ter caridade  
 He da humanidade  
 Hum sacro dever;  
 Porém não a ter  
 Com feras ingratas  
 He d'almas sensatas.



O LEÃO DOENTE.

**M**um Leão vendo-se enfermo ,  
 Passa aviso a seus Vassallos  
 De qu'á vida vai pôr termo ,  
 E qu'intenta aconselhallos  
 Sobre a regencia futura ,  
 Dar-lhes beijamão , e honrallos.  
 Dos Leões á fé lhe jura ,  
 Que trata bem qualquer fera ,  
 Que o visita , e que o procura ;  
 Porém na furna as espera ,  
 E quando alguma entrar ousa ,  
 Logo a mata , e dilacera.  
 Eis huma esperta Rapôsa  
 Pára , e diz , sem qu'entre lá :  
 « Xau ! qu'eu observo huma cousa !  
 « Pégadas mil aqui ha ;  
 « Mas para lá todas vão ,  
 « E nenhuma para cá ;

« Saude , Senhor Leão !  
 « Quero-me á gloria eximir  
 « De beijar-lhe a regia mão ;  
 « Porque jurei jámais ir  
 « A qualquer casa , ou lugar ,  
 « Vendo só por onde entrar ,  
 « E não por onde sahir.

Foi reflexão mui subida  
 Esta que fez a Raposa ;  
 Qu'he loucura desmedida  
 Entrarmos em qualquer cousa  
 Sem ver se temos sahida.



**O PASSARINHEIRO, O MILHANO,  
E A COTOVIA.**

**P**assarinheiro sagaz  
Laços n'hum campo estendia,  
E com espelho falláz  
Simples aves illudia.

Huma leve Cotovia  
Enganada alli pousou,  
E hum Milhano que a seguia,  
Baixando, a triste empolgou;  
Deo voltas, prezo ficou  
Não menos qu'em laços trez;  
Eis ao caçador clamou  
Mais bravo do que cortez:

« Porque me prendes os pés,  
« Insano, que mal te fiz?  
« Foi o mesmo que te fez,  
Lhe disse elle, « essa infeliz.

Entre a classe dos humanos

Ha muitos destes Milhanos ;  
 Que o mal qu'aos outros fomentão .  
 Quando lho fazem , lamentão .



O CAVALLO, E O BURRO.

**H**ia hum Burro carregado ,  
 E na sua companhia  
 Hum Cavallo tambem hia ,  
 Sem carga ledo a saltar :  
 « Ajuda-me , disse o Burro ,  
 « A levar este carrego ,  
 « Senão á Villa não chego ,  
 « Que já me sinto espirar !  
 « Da minha carga metade  
 « He para ti bagatella ;  
 « Levando-a brincas com ella ,  
 « E eu posso allivio encontrar.  
 Fazendo mofa do Burro  
 O Cavallo por tolice ,  
 Deo dois pinotes , e disse.  
 « Sendeiro , vai bugiar.  
 Sem alento , afadigado ,  
 Calou-se o pobre Burrinho ;



Eis em meio do caminho

Cahio por arrebentar !

Veio o dono , e do seu Burro

Lamentou a infausta sorte ;

Mas ao Cavallo esta morte

Não veio pouco a custar !

Que pondo-lhe toda a carga ,

Por mais lhe cheirar a esturro ,

Albarda , e pelle do Burro ,

Foi constrangido a levar.

Quem a pequena tarefa

O corpo esquivia por manha ,

A's vezes vem-lhe tamanha ,

Que lhe custa a supportar :

Valer n'afflicção aos outros

He dever da humanidade ;

Não lhe acudir he maldade

Qu'o Ceo costuma vingar.



## O CÃO VENDO A SUA IMAGEM N'AGOA.

**A**nado passava  
 Hum claro ribeiro  
 Avaro rafeiro ;  
 Na bôca levava  
 De carne hum tassalho  
 Furtado n'hum talho ;  
 Do Rio no fundo  
 Notou insensato  
 Seu proprio retrato ;  
 Julgou furibundo  
 Ser outro o que via ,  
 E carne trazia :  
 Tirar-lha querendo ,  
 Largou o bocado ,  
 Que tinha furtado ;  
 Mergulhos fazendo ,  
 E foi providencia  
 Salvar a existencia.

He ser ambicioso ,  
 Além d'inexperto ,  
 Deixar pelo certo  
 O qu'he duvidoso.



O CARRETEIRO ATOLADO.

**P**or caminho apaúlado,  
 Mui barrento, e mal gradado,  
 O seu carro conduzia,  
     Que trazia  
 D'erva, e feno carregado  
 Inexperto Carreteiro:  
 Por incuria o desgraçado  
 N'hum grandissimo atoleiro  
 Enterrar deixou seu gado:  
 Era longe o povoado,  
 E não vinha caminheiro,  
 Qu'o ajudasse, e lhe acudisse:  
 De aflicção desesperado  
     Se maldisse!  
 E exclamou todo inflammado:  
 « Vem ó Hércules sagrado,  
 « Acudir-me pressuroso,  
 « Pois que já sobre o costado

« Sustentaste o Ceo formoso ,  
O teu braço vigoroso

« Se me acode ,  
« Este carro tirar póde  
« Do atoleiro.

Deste modo se carpia  
O Carreiro ,  
Quando ouvio huma voz forte ,  
Que não longe lhe dizia

Desta sorte :

« Se quizeres que te valha ,  
« Mandrião , lida , trabalha ,  
« Examina donde vem  
« Esse estorvo que te encalha ,

« Ou detem :

« Salta acima desse carro ,  
« E tirando-lhe hum fueiro ,  
« De redor lhe arreda o barro ;  
« Bota pedras no atoleiro ,  
« Calça as rodas , e depois  
« Põe-te á frente , e pica os bois.

Tudo fez o Carreteiro  
Que lhe tinham ensinado ;

E ficou muito pasmado,  
Quando vio surdir á vante  
O seu carro do lameiro :

« He milagre , exclamou logo ,

« Ouvio Hércules prestante

« O meu rogo ,

« E evitou-me o precipicio :

« Graças mil , Numen propicio !

Acabando

De fallar apenas hia ,

Outra voz em tom mais brando

Lhe dizia :

« Confiar na providencia

« Para obter o qu'intentamos

« Sem qu'os meios lhe pouhamos

« He demencia.

« Nada obtem quem não procura ;

« Que foi sempre a diligencia

« Mai da solida ventura.



A DISCORDIA.

**P**or certo pomo a Discordia,  
Foi do alto Ceo desterrada,  
E pela muita embrulhada,  
Qu'entre as Deidades teceo:

Onde habitão cultos povos,  
Qu'ha leis, sciencia, e polícia,  
Com refinada malicia  
A Deosa atroz se acolheo;

Seu irmão consigo trouxe,  
Que Sim-e-não, se appellida;  
Trouxe o Author que lhe deo vida,  
Que se chama Teu-e-meu.

Desprezou, só por honrar-nos,  
Ao nosso antípoda rude,  
Que incensos queima á virtude,  
Não tendo nem meu, nem teu;

Que Leis não conhece, e casa  
Sem Notario, ou Sacerdote;

Qu'a mulher só traz o dote ,  
Qu'a Natureza lhe deu.

Quando Jove , não com raios ,  
Punir os mortaes queria ,  
Guerras a Deosa accendia ,  
Qual na Grecia as accendeo ;

A fama , em sendo preciso ,  
Tinha a seu cargo chamalla ;  
Mas de quasi em vão buscalla  
Muito a Fama se offendeo.

Pedio a Jove qu'á Deosa  
Huma habitação fixasse ,  
Para que quando a chamasse ,  
Não perdesse o tempo seu.

Jove hum domicilio certo  
Quiz qu'a Discordia escolhesse ,  
Indicou-lhe o do interesse ;  
Buscou ella o de Hymeneo.

Por isso quando o Consorcio  
Doura os laços , qu'Amor urde ,  
A damnar a indigna surde  
Quanto Amor de gloria encheo.



A VIUVA.

**S**empre d'hum Esposo a perda  
Com pranto se condecora ;  
Porem nas azas do tempo  
A saudade se evapora.

Ha differença mui grande ,  
Cem mil vezes observada ,  
Entre a Viuva de hum de dia ,  
A' de hum anno comparada ;

Acreditar-se não póde  
Que seja a mesma pessoa ;  
Huma encanta quando falla ,  
Outra chorando magôa ;

Aquella amores inspira ,  
Esta commove á piedade ;  
Huma historia agora conto  
Em prova desta verdade.

O Esposo d'huma belleza  
Poz á doce vida ponto ,

E a sua joven metade  
Fez desatinos sem conto.

Exclamava, ó caro Esposo,  
Ouve espera qu'eu te siga!  
Chamar no sepulcro a morte  
Quero abraçada contigo!

Recebe estes ais ardentes,  
Em quanto a minh'alma anciosa,  
Solta da prizão mundana,  
Não vai bucar-te saudosa.

Hum sabio pai tinha a joven,  
E ao vèlla em tanta oppressão,  
Intentou com mil caricias  
Minorar sua aflição:

« Basta, disse, ó cara filha,  
« Basta: agora te pergunto,  
« Se offuscates teus encantos  
« Póde dar vida ao defunto?  
« Pois que pertences aos vivos  
« Nos mortos não penses mais;  
« Tu pódes ter outro Esposo,  
« Que tenha encantos iguais;  
« Não digo que já, por quanto

« O mundo murmurador  
 « Avalia o sentimento  
 « Pelo nosso exterior ;

« Porem passado algum tempo  
 « Posso-te dar hum Esposo  
 « Joven, esbelto, engraçado,  
 « Rico, decil, e amoroso.

« Ah! meu Pai, tornou-lhe a bella,  
 Cheia de viva amargura,

« O Esposo que me compete  
 « He huma triste clausura!

« Perdi o prazer da vida  
 « Quando perdi meu consorte!  
 « Só terá fim meu tormento  
 « Nos frios braços da morte.

O Pai calou-se deixando-a  
 Entregue ao seu sentimento;  
 Que querer calar o afflicto,  
 He augmentar-lhe o tormento:

Passado o primeiro mez  
 Já pouco chorava a bella;  
 Ria ao segundo, ao terceiro,  
 Passava o dia á janella;

Ao quarto o luto era enseite ;  
 E do quinto por diante  
 Risos, amores, e graças  
 Lhe brincavão no semblante.

Deste defunto adorado  
 O Pai já pouco temia,  
 Té que vendo o seu silencio,  
 A bella lhe disse hum dia :

« Meu terno Pai, dai-me o Esposo,  
 « Que me tendes promettido,  
 « Qu'o defunto não se queixa  
 « De qu'eu tenha outro marido.

« Não era, lhe disse o Pai,  
 « Só o claustro o Esposo teu?  
 Tornou-lhe a filha enfadada :

« Meu Pai, quem morreu, morreu.



A ONÇA, E O LEÃO.

**C**rUEL feróz Onça

N'um ermo certão

Havia brigado

Com fero Leão.

Passado algum tempo

O Rei generoso

Achou-a dormindo ,

N'hum bosque frondoso.

Abrio por tres vezes

As garras em vão ;

Qu'achou ser baixeza

Matalla á traição.

Deixando-a brioso ,

Do sitio voltou ;

Mas nisto a perversa

Do somno acordou.

Em cima do lombo

Hum pulo lhe deo ,

E o ventre co'as garras  
Feróz lhe rompeo.

O Rei da espessura  
Esforços baldou ;

Por ser generoso  
A vida acabou.

Quem seu inimigo  
Poupar pertender ,  
Nas mãos tarde , ou cedo  
Lhe vem a morrer.



**O HOMEM, O CÃO, E A GALLINHA.**

**D**eo hum dia em casa hum homem  
Dois pontapés no seu Cão  
Não sei porque; mas he crível  
Que não forão sem razão,

Ganindo muito o Caxerro  
Se foi metter na cozinha,  
E sentou-se ao pé d'um côvo  
Onde estava humma Gallinha:

Alli fez immensas queixas  
Da má vida que passava,  
E ao seu tyranno Senhor  
D'impio, e de injusto accusava.

A Gallinha lambareira  
Lhe disse n'hum certo ár:

« Se o caso fosse comigo

« Eu havia-me vingar.

« Como? perguntou-lhe o Cão;

E ella tornou-lhe a dizer:

« Como? inda tu mo perguntas?

« Isso não tem que saber.

« Quando elle vier á noite,

« Põe-te na escada estendido;

« Porque ao subir tropeçando,

« Leva hum tombo desmedido.

« Fingindo que o desconheces,

« Então com elle embrulhado

« Pódes mordello a teu gosto,

« E ficas mui bem vingado.

Tudo assim aconteceu

Qual a Gallinha o pintou,

/ O pobre patrão cahio,

E tres dentadas levou.

Ao som do tremendo baque

Logo os de casa acudirão,

E em braços, como em charola,

Para a cama o conduzirão.

Quizerão-no pôr a caldos;

E a Gallinha lambareira

Do máo conselho, que deo,

Foi a victima primeira.

Igualmente impune o Cão



Não ficou do arrojo seu ,  
Que levou tosa tamanha ,  
Que no outro dia morreu.

Quasi sempre hum máo conselho  
Fez a ruina , e fará  
Tanto de quem o recebe ,  
Como daquelle que o dá.



O SOLDADO, E O SEU MAJOR.

**H**um Soldado tendo sido  
Muitas vezes sem razão  
Pelo seu Major punido,  
Em qualquer occasião,  
Que do Major se fallava,  
Sem injuria, nem motêjo,  
« Deos lhe dê, sempre clamava,  
« O qu'eu para mim desejo!  
O Major que soube hum dia  
O qu'o Soldado expressava,  
Quando fallar d'elle ouvia,  
Foi direito á Companhia,  
E chamando-o junto a si,  
Lhe disse em mui bôa fé:  
« Homem, dize-me o que he  
« Que desejas para ti,  
« Qu'appeteces igualmente  
« Para o teu Sargento-mór?

Eis o soldado prudente  
Lhe disse « Baixa » Senhor.



## O MEDICO, E O CALCETEIRO.

**H**um Medico troão, que tinha sege,  
Porem qu'em Medecina era hum herege,  
Mandon calçar hum dia,  
Per certo Calceteiro,  
A sua Estrebaria,  
Dando-lhe logo á conta algum dinheiro;  
E pago, e cheio do seu chocho estudo,  
Metter querendo colherada em tudo,  
Sem que previsse o trôco,  
Ao Mestre disse hum tanto carrancudo:  
« Estas pedras, amigo, unem bem pouco!  
« Humas baixas estão, e outras mais altas.  
« Descance, o gírio Mestre lhe responde,  
« Qu'a terra tapa, e esconde  
« Não só as suas, mas as minhas faltas.

A RAPOSA, E O LOBO. (1)

- « **C**ompadre, (contão quê ao Lobo  
Disse a Raposa huma vez)  
« Pari dois filhos, e agora  
« Não mos comas por quem és.  
« Não, Comadre, está segura  
(Logo o Lobo lhe tornou)  
« Que nunca em damno de amigos  
« O meu dente se embotou.  
« Lembra-me inda aquelle Inverno,  
« Em que tão doente andei,  
« Que dos teus roubos e traças,  
« Comadre, me sustentei.  
« Mas he preciso que delles

(1) A invenção desta Fabula, e da seguinte he do Traductor, e vem no 1.º Vol. das suas Composições Poeticas.

« Me dês agora os signaes ,  
 « Para isentallos da morte  
 « Quando for comer os mais.

De gosto com tal promessa  
 A Raposa regougou ;  
 E catando-lhe huma orelha  
 Desta sorte lhe fallou.

« De todos os Raposinhos ,  
 « Que hasde , Compadre , encontrar ,  
 « Os mais nédeos , mais formosos  
 « São os meus , não tens que errar.

Com estes signaes sómente  
 O Lobo se despedio ;  
 E logo em busca de preza  
 A's vastas brenhas partio.

Em huma idionda furna  
 Aonde a fome o levou ,  
 Mui feios , sujos , e auguados  
 Dois Raposinhos achou.

« Não são os da minha amiga  
 « Pelos signaes que me deu.  
 Disse , e lançando-lhe as garras  
 Ambos matou , e comeu.

Eis entra a Raposa, e clama  
Vendo o successo: « Ai de mim!  
« Ai de mim! negro Compadre,  
« Que aos filhos meus dêste fim.

« Tão incessante rogar-to,  
« Ai triste! não me valeo.  
Mas nisto o prudente Lobo  
Severo lhe respondeo.

« Pelos signaes que me dêste  
« Os teus filhos não comi;  
« E se estes erão teus filhos  
« Então queixa-te de ti.

O muito que tudo nosso  
Com excesso nos apraz,  
Quasi sempre he quem no mundo  
Mil prejuizos nos faz.



OS LADRÕES.

**U**m noite escura, e chuvosa  
 Subir d'huma Quinta o muro  
 Vil Ratoneiro tentava,  
 E o corpo em vão balançava  
 N'humas piteiras seguro.  
 Julgava que o Fazendeiro  
 A casa não tinha vindo,  
 E qu'os moços descuidados,  
 Estarião descansados  
 A somno solto dormindo.  
 A mesma ideia formando  
 Também outro Ratoneiro  
 Da Quinta rodeava o muro,  
 Até que cego do eseu-ro  
 Topar vem no companheiro.  
 « Quem he? lhe pergunta a medo:  
 E o outro: « Não me conheces,  
 Lhe torna: « Sou teu amigo



« Foi ventura o dar contigo,  
 « Estimo bem que viesses.  
 « Ora ajuda-me a subir  
 « Antes que nos sinta alguém;  
 « Perqu'eu assim que trepar  
 « Do muro a mão te heide dar  
 « Para que subas tambem.

« Deste predio o rico espolio  
 « Roubaremos a seguro.

Disse: e o companheiro ousado  
 Em taes razões confiado,  
 O ajuda a subir ao muro.

Mas quando em cima se apanha,  
 Sem pejo á promessa falta:  
 Lugar mais baixo procura,  
 As mãos a hum tronco segura,  
 Firma os pés, e em terra salta.

« Vil, desta sorte me enganas?  
 O outro lhe clama enraivado;  
 « Queira o Ceo, que alguém te sinta:  
 E elle já dentro da Quinta  
 Lhe torna assim descarado:

« Companhia não careço,

« E como enganar-te pude ,  
 « Busca , ou segue outro caminho ,  
 « Que eu posso roubar sozinho ,  
 « Não preciso quem me ajude.

Disse , e logo avante parte :  
 Porem os cães o sentirão ,  
 E tanto motim fizerão ,  
 Que os moços todos se erguerão ,  
 E á Quinta armados sahirão.

O triste que tal presente ,  
 Volta ao muro de corrida ,  
 Tenta subillo , e não pode ,  
 Brada : « Amigo a hum triste acode ,  
 « Qu'intentão roubar-lhe a vida.

Vingativo o companheiro ,  
 Que estava ao muro visinho ,  
 Isto ouvindo , assim o investe :

« Sozinho roubar quizeste ,  
 « He bem qu'o pagues sozinho.

Nisto em chusma entre alaridos  
 Os moços com elle derão ,  
 O corpo lhe desmembrarão ,  
 E assim que morto o julgárão ,

Fora da Quinta o puzerão.

Passado hum pequeno espaço ,  
Forçando os vitaes alentos ,  
Em quanto luta co'a morte  
Clama afflicto desta sorte ,  
A voz truncando a momentos :

« Eis o premio de meus crimes ,  
« N'ambição fazendo estudo  
« Perco a vida sem soccorro ,  
« Vivi pobre , e pobre morro :  
« Tudo perde quem quer tudo.

F I M.

# INDICE

das

## FABULAS.

<b>A</b> Formiga , e a Cigarra . . . . .	Pag.	21
O Corvo , e a Raposa . . . . .	„	24
A Rã , e o Boi . . . . .	„	26
Os dous Machos . . . . .	„	28
O Lobo , e o Gozo . . . . .	„	30
O Leão em Sociedade com a Ovelha , a Cabra , e a Novilha . . . . .	„	35
O Amor proprio . . . . .	„	38
A Andorinha , e os Passarinhos . . . .	„	42
Os dous Ratos , hum do campo , e o ou- tro da Cidade . . . . .	„	46
O Lobo , e o Cordeiro . . . . .	„	52
Os Ladrões , e o Burro . . . . .	„	54
Simónides Poeta protegido pelos Deoses	„	56
O Homem ancião , e as duas pertenden- tes de diversas idades . . . . .	„	61

O Moscardos , e as Abelhas . . . . .	64
O Gallo , e a Perola . . . . .	67
O Sobreiro , e a Cana . . . . .	69
O Conselho dos Ratos . . . . .	72
O Lobo pleiteando contra o Raposo perante o Macaco . . . . .	76
Os dous Touros , e a Rã . . . . .	78
O Morcego , e as duas Doninhas . . . . .	80
O Lenhador . . . . .	83
A Ave ferida de huma flecha . . . . .	85
A Podenda , e a Companheira . . . . .	87
A Aguia e o Escaravelho . . . . .	90
O Leão e o Mosquito . . . . .	95
Os dous Burros carregados . . . . .	98
O Leão , e o Rato . . . . .	101
A Pomba , e a Formiga . . . . .	103
O Astrologo . . . . .	105
A Lebre , e as Rãs . . . . .	107
O Raposo , e o Gallo . . . . .	110
A Aguia , e o Corvo . . . . .	113
O Pavão queixando-se a Junco . . . . .	115
O Homem e a Gata . . . . .	117
O Burro , e o Leão Cagador . . . . .	120
A Raposa , e a Cegonha . . . . .	122
O Velho , o Rapaz , e o Burro . . . . .	126
As Rãs pedindo hum Rei . . . . .	129
A Aguia , a Porca , e a Gata . . . . .	132

O Bebado, e a Mulher . . . . .	„ 136
O Lobo , e a Cegonha . . . . .	„ 139
O Leão e a Pintura. . . . .	„ 141
A Mulher teimosa afogada. . . . .	„ 142
O Leão de longa idade. . . . .	„ 145
A Dóninha na despensa . . . . .	„ 147
A Raposa , e as uvas . . . . .	„ 150
O Gato, e o Rato velho . . . . .	„ 152
O Leão amoroso . . . . .	„ 156
O Burro, e o Dógue. . . . .	„ 160
O Homem , e o Idolo de páo . . . . .	„ 163
A Gralha entre os Pavões . . . . .	„ 165
O Rato , e a Rã . . . . .	„ 167
O Rapaz , e o Mestre . . . . .	„ 170
O Cavallo , e o Veado . . . . .	„ 173
O Lobo , a Mulher , e o Filho . . . . .	„ 176
O Velho , e seus Filhos . . . . .	„ 179
A Raposa , a Cabra , e a Filha . . . . .	„ 182
Aviso de Socrates. . . . .	„ 185
Esopo . . . . .	„ 186
O Oraculo de Apollo , e o Impio . . . . .	„ 187
A Cotovia , e os Filhos . . . . .	„ 189
O Avaro que perdeu o seu thesouro. . . . .	„ 193
A Tainha , e o Pescador . . . . .	„ 197
As Orelhas da Lebre. . . . .	„ 199
A Raposa derrabada . . . . .	„ 201
A vista de quem he dono . . . . .	„ 204

300-01-5

300-01-5

O Cavallo, e o Lobo . . . . .	„	207
O Lavrador, e seus Filhos . . . . .	„	210
A Montanha parindo . . . . .	„	212
A Fortuna, e o Rapaz . . . . .	„	213
O Lobo feito Pastor . . . . .	„	216
Os Medicos . . . . .	„	219
A Gallinha que punha os ovos de ouro . . . . .	„	221
O Jumento que levava reliquias . . . . .	„	223
O Veado, e a Vinha . . . . .	„	225
A Serpente, e a Lima . . . . .	„	227
O Leão, e o Pastor . . . . .	„	229
A Perdiz, e a Lebre . . . . .	„	231
O Burro vestido com a pelle do Leão . . . . .	„	234
O Ratinho, e a Mãe . . . . .	„	236
A Raposa, o Macaco, e outros animaes . . . . .	„	240
O Macho, e o Burrinho . . . . .	„	245
O Velho, e o Burro . . . . .	„	247
O Veado, e os Cães . . . . .	„	249
A Lebre, e a Tartaruga . . . . .	„	252
O Burro, e os Donos . . . . .	„	256
O Raposo, e o Bode . . . . .	„	259
O Sol, e as Rãs . . . . .	„	262
O Homem, e a Serpente . . . . .	„	264
O Leão doente . . . . .	„	266
O Passarinheiro, o Milhano, e a Cotovia . . . . .	„	268
O Cavallo, e o Burro . . . . .	„	270
O Cão vendo a sua imagem na agoa . . . . .	„	273

O Carreteiro atolado . . . . .	274
A Discórdia . . . . .	277
A Viuva . . . . .	279
A Onça, e o Leão . . . . .	283
O Homem, o Cão, e a Galinha . . . . .	285
O Soldado e o seu Major . . . . .	288
O Medico, e o Calceteiro . . . . .	290
A Raposa, e o Lobo . . . . .	291
Os Ladrões . . . . .	294

FIM DO INDICE.





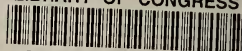
Deacidified using the Bookkeeper process  
Neutralizing agent: Magnesium Oxide  
Treatment Date: Jan. 2008

**Preservation Technologies**  
A WORLD LEADER IN COLLECTIONS PRESERVATION

111 Thomson Park Drive  
Cranberry Township, PA 16066  
(724) 779-2111



LIBRARY OF CONGRESS



0 020 893 835 6